



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**TECNOLOGIA E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: USO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO E  
LETRAMENTO.**

**AMARILDA DOS SANTOS MARINHO**

**MACAPÁ-AP**

**2012**

**AMARILDA DOS SANTOS MARINHO**

**TECNOLOGIA E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: USO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.**

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação, sob a orientação da Profa. M.Sc. Eliana do Socorro de Brito Paixão.

**MACAPÁ-AP**

**2012**

**TECNOLOGIA E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: USO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.**

**AMARILDA DOS SANTOS MARINHO**

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal do Amapá, aprovada com nota \_\_\_\_\_, como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

Banca Examinadora

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Eliana do Socorro de Brito Paixão - UNIFAP

---

Membro: Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Geyza D'Ávila Arruda - UNIFAP

---

Membro: Prof<sup>a</sup>. Esp. Dianarlei Antonia Brito de Souza - UNIFAP

Macapá-AP

2012

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, saúde e vitórias que me concedeu até o dia de hoje. A minha mãe M<sup>a</sup> de Nazaré Marinho por todos seus ensinamentos, coragem e luta, as minhas irmãs pela nossa união, a meu irmão mais velho.

Agradeço a minha filha Anna Bela Marinho Queiroz, pela paciência de deixar a mãe estudar, mesmo quando queria colo pra dormir, a Misael Marques pela generosidade e compreensão. Agradeço aos educandos e educadores pela força que me deram nos momentos difíceis.

Agradeço especialmente minha Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M.Sc. Eliana do Socorro de Brito Paixão – UNIFAP, por me passar segurança, por acreditar no desenvolvimento do ser humano, pelo compromisso, dedicação que tem e por seu profissionalismo.

## RESUMO

O presente trabalho visa verificar as contribuições das tecnologias e das convergências de mídias nas práticas pedagógicas para alfabetização e o letramento de Jovens e Adultos na Escola Estadual São Francisco das Chagas. A Escola encontra-se situada na periferia dos bairros Araxá e Pedrinhas em Macapá/Ap, onde a população vive em áreas de ressaca e em situação de vulnerabilidade social. As casas foram construídas em forma de palafitas, ainda assim é uma área de intensa movimentação de comércios varejista. Nessas circunstâncias, a escola é uma instituição de elevada importância para construção de cidadania às pessoas que lá habitam. Por força da comunidade, implantou-se na referida escola a Educação de Jovens e Adultos (EJA), variante da educação sobre a qual se debruça este trabalho. Ao longo de décadas, a educação tem sido ancorada em ações pedagógicas tradicionais. Entretanto, com a penetração da evolução tecnológica em diversos segmentos sociais, a educação tem passado por constantes mudanças que exigem permanente adequação. Dessa forma, as mídias tem se inserido no processo de ensino-aprendizagem dos fazeres escolares, sendo, suporte para a construção de conhecimentos. Nesse sentido, a pesquisa parte do seguinte problema: de que forma os professores da Escola Estadual São Francisco das Chagas usam as tecnologias para alfabetização e letramento de Jovens e adultos? Para realização da pesquisa utilizei a abordagem, predominantemente qualitativa, tendo em vista que apliquei questionário aos educadores e educandos. Além disso, acessei acervos bibliográficos e documentos oficiais para melhor compreender a temática em estudo. Destacam-se como alguns dos principais resultados: que a convergência das mídias influencia no modo de ser, estar, agir e se comunicar no mundo, e a escola e educandos não podem ficar à margem desse processo, sob pena de ampliar ainda mais o fosso que os jovens e adultos vem enfrentando ao longo da história de exclusão; embora o alcance das tecnologias ainda seja incipiente na escola, deve-se buscar alternativas para fazer uso das mesmas a despeito da dificuldade em destinar um espaço apropriado para tal; a despeito dos entraves no uso da tecnologia na escola os educandos da EJA manifestaram interesse em se manterem informados e atualizados por meio das mídias.

Palavras-chave: Educação, EJA, tecnologia, convergência de mídias.

## **ABSTRACT**

This study aims to verify the contributions of technology and convergence of media in teaching practices for literacy and literacy for Youths and Adults in the State School San Francisco das Chagas. The School is situated on the outskirts of the neighborhoods in Macapá/Ap, Araxá and Pedrinhas, where the population lives in areas with a hangover and socially vulnerable. The houses were built on stilts form, it is still an area of intense movement of retail trades. In these circumstances, the school is an institution of great importance to building citizenship to people who live there. Under the community, was implemented in the said school Education for Youths and Adults (EJA) variant of education on which this paper focuses. For decades, education has been anchored in traditional pedagogical actions. However, with the penetration of technological developments in various social, education has undergone constant changes that require continuous adaptation. Thus, the media has been inserted in the teaching and learning of school doings, and, to support the construction of knowledge. In this sense, the research part of the following problem: how teachers of the State School San Francisco das Chagas use the technologies for literacy and literacy for youth and adults? To carry out the research approach used predominantly qualitative, considering that I applied questionnaire to educators and students. Moreover, accessed bibliographic and official documents to better understand the topic under study. Stand out as some of the main results: the convergence of media influences the way of being, be, act and communicate in the world, and the school and students can not stay aside of this process, failing which further expand the gap young people and adults has faced throughout history of exclusion although the reach of technology is still incipient in school, you should look for alternatives to make use of it despite the difficulty to allocate a suitable space for the purpose, in spite of obstacles the use of technology in school learners of EJA expressed interest in staying informed and updated through the media.

**Keywords:** education, adult education, technology, media convergence.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 Idade dos alunos da EJA.....	27
FIGURA 02 Pintura Realizada por um aluno.....	28
FIGURA 03 Formas de Uso do telefone celular.....	35
FIGURA 04 Formas de uso do telefone celular.....	35
FIGURA 05 Utilização do celular como facilitador da aprendizagem.....	37
FIGURA 06 Tempo dedicado a aprendizagem.....	40
FIGURA 07 O aluno da EJA mostrando imagens que produziu.....	40
FIGURA 08 Imagem produzida no celular.....	43
FIGURA 09 Imagem do celular produzida pelo educando do Rio Amazonas.....	45
FIGURA 10 Fotografia do quintal de Jairo produzida por Silvio e Jairo.....	46

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.	<b>TECNOLOGIAS E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS: ALTERNATIVAS EDUCACIONAIS PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....</b>	<b>10</b>
1.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONVERGÊNCIA DE MÍDIA E IMPLICAÇÕES CONTEXTUAIS.....	10
1.2	A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS A SERVIÇO DA EJA.....	15
2.	<b>A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): REFLEXÕES SOBRE UMA MODALIDADE EM CONSTRUÇÃO.....</b>	<b>24</b>
2.1	UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS....	24
2.2	PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	32
2.3	UM OLHAR SOBRE QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS JOVENS E ADULTOS DA EJA.....	35
3	<b>ANÁLISE DOS DADOS DO USO DO CELULAR NA ESCOLA ESTADUAL SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS</b>	<b>38</b>
3.1	SITUANDO A ESCOLA.....	38
3.2	PERFIL DOS EDUCADORES E EDUCANDOS DA EJA.....	38
3.3	ALGUMAS SITUAÇÕES COTIDIANAS TRATADAS NAS AULAS DA EJA	40
3.4	ANALISANDO A PESQUISA DE CAMPO QUANTO AO USO DO CELULAR COMO INSTRUMENTO DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	43
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade de grandes revoluções tecnológicas. As tecnologias de informação e comunicação estão sendo cada vez mais implantadas em todas as dimensões políticas, profissionais, sociais, econômicos, culturais e educacionais, entre outras. Ao se pensar em tecnologias na contemporaneidade se pensa em convergência de mídias, pensa-se também, no futuro e em aproximar realidade, pessoas, intenções e ações.

A escola está sendo perpassada pela evolução tecnológica e é necessário planejar as ações educativas que não desconsidere esse momento. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) também deve ser alcançada pelas tecnologias em seus processos de ensino aprendizagem.

Novas formas de leitura e digitalização de materiais, como também melhoria dos recursos visuais, têm produzido uma transformação no modo de pensar de jovens e adultos. O jovem na atualidade está mais crítico e participativo na sua vivência. Nesse sentido, a convergência na busca de qualidade na educação de jovens e adultos requer interatividade e contextualidade.

Essa qualidade perpassa pela construção e consolidação de ações na escola, que estabeleça novos paradigmas, transgredindo a chamada “educação tradicional”, garantindo o acesso e permanência de jovens e adultos nos componentes educacionais, através de uma educação comprometida com as múltiplas necessidades sociais e culturais da população que hoje procuram a EJA.

Desenvolver o educando, prepará-lo para o exercício da cidadania e do trabalho, significa a construção de um sujeito que domine noções de conhecimentos, conceitos, palavras tecnológicas, dotado de atitudes necessárias para fazer parte de um sistema social tecnológico e para desenvolver-se pessoal e socialmente.

Nesse sentido levanto a seguinte questão: De que forma a Escola Estadual São Francisco das Chagas usa as tecnologias para alfabetização e letramento de Jovens e adultos? Essa é a questão central da pesquisa que se apresenta com a

finalidade de verificar as contribuições da tecnologia e das convergências de mídias nas práticas pedagógicas para alfabetização e o letramento de Jovens e Adultos.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual São Francisco das Chagas, envolvendo “educadores e educandos” (FREIRE,1996) da EJA. O método da pesquisa foi baseado na abordagem qualitativa com observação diária e presença da pesquisadora no contexto investigado, em dois bimestres. O 1º que iniciou em março/abril, e o 2º que se realizou em maio/junho. A abordagem qualitativa, embora difira quanto à forma e a ênfase, não se excluem e trazem como contribuição para pesquisa uma mistura de procedimento de cunho racional e intuitivo capazes de melhor contribuir para compreensão dos fenômenos (POPE&MAYS, apud NEVES, 1995).

Considerando que a pesquisa necessita de planejamento cuidadoso e de reflexão conceitual sólida e alicerçada em conhecimento já existente, buscou-se sustentação teórica para efetivação deste trabalho em autores como: Freire e Shor(1989);Freire (1996); Almeida(2003); Ruiz(2002); Moran(2008); Siqueira(2006); Arroyo(2007), assim como outros autores que proporcionaram aprofundamento científico à pesquisa realizada.

A estruturação deste estudo está sistematizada em três capítulos:

No primeiro capítulo, abordo algumas considerações sobre a convergência de mídias e implicações no âmbito da educação, em especial da EJA; O segundo capítulo trata da EJA, permitindo reflexões sobre uma modalidade em construção, sua trajetória e perspectivas; No terceiro, discorro sobre os resultados da pesquisa, apresentando a análise dos dados, contextualizando-se os resultados com sustentação teórica, dos autores que subsidiaram este trabalho.

A referida pesquisa servirá de apoio a todos os segmentos da escola a pensarem sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação numa perspectiva de transformação de uma educação que tanto se discute: a educação de qualidade, usando a interação entre os objetivos e prioridades estabelecidas pela coletividade como trata nas considerações finais.

## **CAPÍTULO 1: TECNOLOGIAS E CONVERGÊNCIAS DE MÍDIAS: ALTERNATIVAS EDUCACIONAIS PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

### **1.1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONVERGÊNCIA DE MÍDIA E IMPLICAÇÕES CONTEXTUAIS**

Nas últimas duas décadas do século XX, observou-se que houve um avanço significativo na vida das pessoas, isso ocorreu principalmente pelos avanços científicos tecnológicos, pelas mudanças políticas e culturais que influenciam diretamente na vida das pessoas. Antes de falarmos dessa influência na educação, é necessário definir o que é tecnologia e convergência de mídia. Primeiramente a tecnologia, que é compreendida como “teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana” (Dicionário Houaiss). Depois, Convergência de Mídias que é quando utilizamos um único instrumento tecnológico, a exemplo do o telefone celular que converge filmadora, máquina fotográfica, televisão e uso de internet, toda essa tecnologia a serviço de um melhor desenvolvimento da comunicação e informação.

Convergência de mídias é um termo que, de uma maneira geral, é utilizado para designar a tendência de utilização de uma única infra-estrutura de tecnologia para prover serviços que, anteriormente, requeriam equipamentos, canais de comunicação, protocolos e padrões independentes. Segundo Pellanda (2003, p.3) a convergência de mídias se dá quando em um mesmo ambiente estão presentes elementos da linguagem de duas ou mais mídias interligadas pelo conteúdo.

“As tecnologias de comunicação e a convergência tecnológica rompem, com o conceito de espaço fixo, redimensionando-o” (ALMEIDA, 2003). Ao mesmo tempo em que viabilizam mais comunicação, mais proximidade, mais colaboração, mais interação e mais educação. Nesse sentido possibilitam, igualmente, mais informação. Os espaços e o tempo, agora sob uma lógica não geográfica é atemporal, também estão sob a lógica do ver e informar o tempo todo por meio da

mobilidade” (BASSO, 2003). Dessa forma, percebe-se que a ubiquidade vem fazendo parte das nossas vidas e não a conhecíamos por esse termo.

Esse fenômeno se constrói a partir de objetos portáteis e dos ambientes, estabelecendo uma relação entre os espaços físicos, o cotidiano social e a rede virtual por meio do telefone celular, do GPS (Global Positioning System), do computador de bolso ou PDA (Personal Digital Assistant), dos chips diversos e, invisivelmente, dos territórios servidos pela conexão sem fio (LEITE, 2008).

Concordo com Leite, pois os objetos portáteis estão se tornando mais acessíveis para nossos alunos, eles se comunicam com os telefones celulares, escutam música, passam vídeos, fotografam etc. Mais do que antes, na atualidade, é necessário ter uma alfabetização e letramento em mídias na educação, conforme expressa Siqueira:

A mídia nunca nos deu tantas escolhas como agora. Mudanças na tecnologia significam que você deve ser mais cauteloso com que você e suas crianças vêem na TV e online.. Sendo ‘alfabetizado em mídia’ você terá melhores condições para saber o que esperar e como fazer o melhor com o que é oferecido e saberá proteger sua família e a si mesmo. Tendo mais confiança no uso das tecnologias de comunicação, você terá uma melhor compreensão do mundo ao seu redor (SIQUEIRA, 2006).

Dentro desse processo de mudança, segundo Castells, existiram três processos que foram impulsionadores de tal mudança: a revolução das tecnologias da informação, a crise econômica e o florescimento de movimentos sociais e culturais - feminismo, ambientalismo, defesa dos direitos humanos, das liberdades sexuais, questões étnico raciais, direito das crianças e adolescentes etc. Estamos vivendo nesta nova sociedade em constante mudança, que está se organizando e reorganizando de acordo com as características da sociedade em rede, da globalização da economia e da virtualidade, as quais produzem novas e mais sofisticadas formas de exclusão.

A interação desses três processos, paralelos, mas independentes, durante o último quarto do século XX produz uma redefinição histórica das relações de produção, de poder e de experiência

(individual e social) que acabaram produzindo uma *nova sociedade*." (RUIZ, 2002).

Essas características e contradições da sociedade atual vão, gradativamente, influenciando em nosso dia-a-dia, afetando a forma como nos comunicamos, trabalhamos, nos relacionamos com os demais, aprendemos e ensinamos. Aos poucos, vamos alterando nossos hábitos e nossas atividades cotidianas. Diante disso, qual o papel da escola? Quais os novos desafios do educador? E quais as competências dos educadores da contemporaneidade? (MORAN, 2008).

A escola pública e os telecentros podem representar alternativas viáveis para que as classes menos favorecidas tenham acesso a escola e, conseqüentemente, ao letramento. Nessa nova fase da escola, o educador verdadeiramente deve atuar como um agente transformador, e para isso, buscar aprimorar seus conhecimentos. Além disso, propor aos gestores, políticas públicas, que incentivem professores para que busque sua formação. O intuito é diminuir o fosso entre os que têm acesso ao conhecimento tanto em casa, quanto nas escolas (particulares ou escolas públicas da zona urbana) e em diferentes espaços, a despeito da carência, por vezes, de todos os recursos, dos mais básicos e essenciais às tecnologias.

É comum presenciar nos Bancos em época de pagamento da bolsa família etc., pessoas com muita dificuldade de usar o caixa eletrônico. É evidente o número de pessoas que em relação a tecnologia e as mídias ficam a margem desse processo da informação e comunicação. Em relação à mídia Siqueira assevera:

A alfabetização, a educação de jovens e adultos e o aprendizado ao longo da vida são assuntos que estão na ordem dos debates políticos e acadêmicos. A esse debate deve ser incluída a educação para mídia, com o mesmo patamar de preocupação, se o objetivo for a inclusão social da grande maioria dos brasileiros que não participa efetivamente da vida cultural como protagonistas da construção da identidade nacional nas esferas públicas eletrônicas. Considerando que a radiodifusão e sua linguagem audiovisual são responsáveis por mediar à percepção da realidade, tanto mais inseridas estarão às pessoas quanto mais puderem acessar, avaliar e produzir conteúdos usando essas tecnologias e linguagens (2006, p.17).

Analisando o momento atual com todos os textos de estudiosos preocupados com a atual situação, é possível verificar que muitos educadores ainda estão fora do processo de preparação para essa nova realidade. Sabe-se que não será fácil, mas

coloca-se o desafio que se tem para enfrentar: que mais pessoas tenham acesso a educação de qualidade com o uso das tecnologias e sabendo fazer proveito das convergências de mídias, que hoje é uma realidade cada vez mais presente no cotidiano dos educandos da classe menos favorecida. Existem, nesse processo, temores e riscos de desistência (FREIRE; SHOR, 1986) por parte de alguns alunos que se utilizam das mídias no processo educacional; outros irão enfrentar seus medos e correr o risco. Todavia, vale considerar que se trata de uma nova forma de aprender e ensinar com as transformações tecnológicas.

Vejo que a mudança na nossa sociedade terá que partir de educadores e educadoras. É preciso que tais educadores conquistem valorização como profissionais da educação. A mudança terá que ressoar de dentro para fora e de fora para dentro, num movimento dialético, convocando cada vez mais educadores a se unirem ao processo de mudança. Não se trata de supervalorizar quem já tem mais domínio tecnológico em detrimento do que ainda não tem esse domínio.

No que concerne ao poder público, mister se faz conhecer as propostas que estão em processo de tramitação nas esferas públicas. Mas aqueles que escrevem sobre educação devem conhecer realmente sobre o que estão planejando e articular o fazer pedagógico com a realidade social.

Não é concebível mais um processo de ensino aprendizagem com uma sala de aula de primeira série lotada, sob pena de tornar as aulas desagradáveis em ambiente desconfortáveis. Assim, assimilar e praticar as teorias de aprendizagem diante de um contexto como esse?

Alguns autores apontam que a mudança acontecerá quando todos os brasileiros acreditarem na educação, como forma de desenvolver o ser humano psíquico, político, cultural e intelectualmente. Mudaremos e construiremos a mudança quando soubermos defender o direito a educação para o bem comum de todos.

O mundo evolui e as mudanças precisam acompanhar. Vale propor mais estudos, mais recursos para pesquisa de soluções para o educando avançar nos conhecimentos. Além disso, fortalecer os grupos de estudos com fins de fortalecimento também, das competências pedagógicas do educador, algo que já está enraizado em nossa profissão de professor. Não é o caso do uso da tecnologia

da comunicação e mídia, e o uso das convergências de mídias, observando que as escolas não possuem equidade, se diferenciando de cidade para cidade, de município para município, de bairro para bairro.

Por onde começar a mudança, visto que é eminente sua presença desde os últimos meados do séc. XX? A mudança da nossa sociedade começa por todos nós, lembrando a fala de Marina Silva, no Fórum Social Mundial da Educação, ao se manifestar sobre a importância da Cultura. Ela disse que nunca deve ser dissociada das outras áreas, e, jamais da Educação. A ex-senadora afirmou que não há nenhuma ação, ou prática, que não seja mediada pela Cultura. É necessário ensinar presente, passado e futuro, lembrando que "tradição é a capacidade de colher na história anterior para resignificar o futuro".

A tecnologia tem a possibilidade de acrescentar mudanças aos meios acessados pelo educador e à sua competência natural. Refiro-me a motivar a construção do conhecimento e divulgar os conhecimentos historicamente construídos, desta forma acrescentando uma evolução humana. Desta forma, trabalhar a formação dos professores para disseminar a importância das mídias na educação é fundamental. Em uma entrevista dia 18 de julho Elizabeth Biaconci Almeida (2008, p.2.), "no Brasil, todos os programas voltados para TICs na educação têm essa preocupação de capacitar os professores."

Mais do que permitir o acesso à tecnologia, os programas trabalham a preparação dos educadores. A formação dos educadores é uma questão a longo prazo. Formação se dar ao longo da vida profissional nesse sentido é importante estar atualizado. E qual seria o papel do educador diante do vasto campo tecnológico e as mídias? Seria um interlocutor usando esses recursos para refletir aspectos da informação, análise de conjuntura, debate e reflexões, proporcionando um olhar crítico e reflexivo sobre as informações veiculadas.

Mas vale salientar, que as escolas públicas ainda têm muito a caminhar e é nosso papel enquanto educadores contribuir nessa mudança. Muitos educadores ainda estão à margem destas informações e muitas escolas ainda não dispõem de recursos tecnológicos, esse curso pode ser um dos meios da mudança acontecer, para isso é necessário que nos educadores que estamos tendo acesso a essa oportunidade, também disseminemos a importância dessa formação para uso das novas tecnologias. Almeida (2008), mais conhecida como Beth Almeida, se dedica a

estudar a aplicação de novas tecnologias na educação, desde 1990, em uma entrevista fala a respeito das novas tecnologias.

Quando falamos de novas tecnologias fazemos referência, principalmente, àquelas digitais. Hoje, sabemos que a tendência é de que haja uma convergência de tecnologias e mídias para um único dispositivo. O essencial é que este dispositivo possua ferramentas de produção colaborativa de conhecimento, de busca de informações atualizadas. Isso possibilita uma comunicação multidirecional, na qual todos são autores do processo ou, pelo menos, têm potencial para ser (ALMEIDA18/07/2008).

Desta forma, o sistema educacional tem preparado educadores para que tenham condições de atuarem nos campo tecnológicos e, principalmente, inserir as tecnologias, que já vem sendo usadas por jovens e adultos, como instrumentos metodológicos, possibilitando assim, aulas dinâmicas e participativas. Observa-se que alguns educandos se esforçam sozinhos para compreenderem o mundo tecnológico com o uso dos celulares no dia a dia, observa-se também, habilidades para fazerem fotografias, vídeos, trocando entre si os vídeos baixados por amigos.

Há interesse entre os jovens e adultos em aprender sobre esse novo mecanismo de comunicação. Já os mais idosos usam para se comunicar com parentes distantes e contato de trabalho, principalmente com as profissões informais que exercem como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, diaristas entre outras. Todavia, tudo que se pense em fazer como forma de ajudar a jovens e adultos à compreensão da leitura e escrita deve está alicerçada por um planejamento com claros objetivos definidos, sempre levando em consideração a formação mista que ao longo dos anos de experiência encontra-se em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

## 1.2. A CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS A SERVIÇO DA EJA.

“O individuo é um nômade que se move de um lugar para outro sem perder o contato com o coletivo da aldeia eletrônica. Desde que estejam em sua rede de recepção, eles ainda estão presumidamente disponíveis.” (LICHTY, 2006, p.1). A

reflexão acerca desse pensamento de Lichy, mostra que as convergências tecnológicas por esse ângulo apontam caminhos para se manter conectado com os amigos e com as informações atuais sem deixar de lado um bom livro, e um bom bate papo não virtual, desde que as pessoas disponham de tempo.

A questão da tecnologia móvel ter avançado se dá, principalmente, pela experiência de uma contemporaneidade onde grandes revoluções ocorrem em favor de um desenvolvimento humano ágil. Lichy (2006) associou o termo “nômade” ao homem contemporâneo, pautando-se na mesma característica de homens da pré-história. Entretanto, os homens da caverna eram nômades, para preservar o meio ambiente, a fim de que a natureza tivesse tempo de se recompor. É importante avançar na construção do conhecimento sem introjetar que hoje tudo é rapidamente descartável, pois o novo poderá se conjugar ao tradicional. Esta concepção vale para a modalidade de ensino denominada Educação de Jovens e Adultos defendida por Paulo Freire.

O sistema educacional deve se organizar para atender aos vários níveis de aprendizagens dos educandos da EJA. Educar em uma sociedade em constantes transformações exige que o educador esteja sempre em busca de atualização sendo, administrador de sua formação. Ensinar e aprender hoje não se reduz a estar um tempo em uma sala de aula. Implica em modificar o que fazemos dentro da sala de aula e organizar ações de pesquisa e de comunicação que permitam a educadores e educandos continuar aprendendo.

Esta é uma nova fase da educação. Os ambientes virtuais têm permitido acesso a Internet, tanto pelo computador quanto pelo telefone celular, que hoje é parte desse movimento de convergência de mídias. Por meio desse instrumento é possível receber pequenos textos, novas mensagens, orientação a distância, indicar músicas, trocas de vídeos através Bluetooth, além de dispor de vasto repertório musical em um único dispositivo.

Deve-se considerar os novos desafios que as mídias trazem ao sistema de educação formal. Assim como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias proverão soluções rápidas para a educação. Sem dúvida, as tecnologias permitem ampliar o conceito de aula, o espaço e o tempo, a comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estar conectado a distância.

Segundo Siqueira (2006, p.2),

Aos educadores além da tarefa de alfabetizar com competência, superando as defasagens históricas que nosso país tem registrado, surge a tarefa de educar para o uso crítico e criativo das novas tecnologias, habilidade elementar tanto para a empregabilidade como para participação social e política.

É importante ressaltar que os educandos da Educação de Jovens e Adultos, chegam à escola depois de uma jornada de trabalho intensa, pois a maioria são trabalhadores do mercado informal, sendo pedreiros, carpinteiros, ferreiros, ajudantes de pedreiros, cozinheiras, babás, domésticas, vendedores dentre outros ofícios. Os mais jovens sonham em obter através dos estudos uma oportunidade de conseguir no futuro um emprego melhor, os adultos, fazer uso em suas tarefas diárias.

Ribeiro et al (2002, p. 49-70), apontam a importância de uma política para atender essas demandas da EJA. “Diante desse quadro, tenso e fragmentado, é legítimo que a sociedade cobre do Estado a elaboração de uma política clara e democrática, e a educação para as mídias deve ser posta no centro dos debates”. Como expressa a Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos, de 1997, da qual o Brasil é signatário:

A alfabetização, concebida como conhecimento básico, necessário a todos, num mundo em transformação, é um direito humano fundamental. Em toda a sociedade, a alfabetização é uma habilidade primordial em si mesma e um dos pilares para o desenvolvimento de outras habilidades. (...) O desafio é oferecer-lhe esse direito... A alfabetização tem o papel de promover a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser um requisito básico para a educação continuada durante a vida. (Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos, de 1997, p.2).

Nesse sentido, faz-se fundamental a alfabetização em mídias para os jovens e Adultos, para enfrentar esse novo paradigma e desenvolvimento tecnológico de mudança da sociedade. Nos dias atuais quase tudo está informatizado e a escola precisa acompanhar os avanços tecnológicos. Diante desse contexto, grande parcela de alunos da EJA é segregada desse universo e que por distintas razões,

não consegue acompanhar tal evolução e é empurrada à margem desse processo em boa parte dos instrumentos tecnológicos. Porém, em relação aos aparelhos de telefone celular observa-se que esse entrave já está superado em parte, devido ser mais barato manter um telefone celular, do que um telefone fixo, mesmo porque, a maioria mora em área de ponte, onde o endereço ainda não está oficializado, dificultando a contratação do serviço de telefonia fixa. Nesse sentido, o telefone celular se tornou mais viável para essa clientela.

Entendendo o uso do celular como um dos instrumentos de mídia educacional, pode-se incorporá-lo ao planejamento de Alfabetização e Letramento, buscando integrar uma tecnologia possível ao uso didático e educativo, inserindo no processo ensino aprendizagem, na construção de um projeto de socialização e integração de saberes do cotidiano de jovens e adultos em processo de Alfabetização e Letramento.

Em princípio, todo jovem e adulto está integrado ao meio social. Assim eles se tornam autodidatas no uso de tecnologias mais acessíveis financeiramente. Desta forma, esses instrumentos passam a ser objetos de socialização e comunicação. Os jovens não se intimidam de usar o telefone e acabam por aprender e descobrir muitos recursos de convergência de mídias nesses aparelhos.

Atribuimos sentido as coisa quando aprendemos seu uso, suas vantagens e o funcionamento. Atribuimos um novo olhar a um dispositivo tão simples e para alguns, tão banal. Mas para Jovens e Adultos de escolas públicas das periferias de nossa cidade que querem fazer uso desse aparelho como forma de se manter conectado com o mundo que oferece cada dia mais recursos sofisticados e tecnológicos, esse recurso é um aliado. Jovens e Adultos que não querem nem o luxo, ficam com celulares de segunda, de um padrão, de um parente que são adquiridos no mercado da pirataria, enfim, querem está inseridos no processo de informação e comunicação.

Quando se fala em convergências, relacionam-se às mídias várias finalidades, especialmente no que diz respeito a possibilidades, capacidades de comunicação e informação. É importante o debate sobre o uso e sua privacidade para que os sujeitos da EJA saibam fazer bom uso desse instrumento, a exemplo do registro de eventos em vídeos, produção de vídeos de suas autorias, além de terem clareza de seus direitos e deveres.

Sobre a tecnologia é importante questionar:

A serviço de que ela pode contribuir e para quem? O educador, para retratar uma das potencialidades da tecnologia, utiliza o exemplo de seus netos e afirma: “ninguém melhor do que meus netos e minhas netas para me falar de sua curiosidade instigada pelos computadores com os quais convivem” (FREIRE, 1996, p.97-98, apud ALENCAR, 2005, p11-12.).

Segundo Alencar (2005), Freire também classifica o computador, o rádio, a televisão como meios para conhecer o mundo, para refleti-lo, repensá-lo, e que servem como fonte de pesquisa. Observa-se que as tecnologias e as mídias podem contribuir na perspectiva de ser mais um instrumento de motivação para jovens e adultos que estão diversos anos fora do sistema educacional.

Alencar (2005, p. 8) também cita “(...) outras potencialidades do uso da tecnologia encontram-se descritas no livro ‘Pedagogia da Esperança’”, onde Freire fala de seu computador pessoal e da sua saudade. E assim expressa Freire:

Ao recordar agora todo este trabalho tão artesanal, até com saudade, reconheço o que teria poupado de tempo e de energia e crescido em eficácia se tivesse contado, na oportunidade, com um computador, mesmo humilde como o de que dispomos hoje minha mulher e eu (1992, p. 59, apud ALENCAR, p.8).

Muito se tem avançado ao longo dos anos com a tecnologia, pois antigamente era comum como recurso pedagógico as máquinas de datilografar, mais usadas nas secretarias escolares. Aos educadores cabiam os mimeógrafos, até pouco tempo usado, porém com o uso do computador poupa-se muito tempo no processo ensino aprendizagem. Algumas escolas dos municípios e periferias da cidade de Macapá ainda são privadas destas tecnologias.

Nos dias atuais, as Tecnologias e Convergência de Mídias como Alternativas Educacionais para Alfabetização e Letramento de Jovens e adultos é um caminho novo a ser trilhado, buscando construir alternativas possíveis e viáveis ao desenvolvimento dos educandos, tornando a interatividade como forma de obter informação e comunicação.

A investigação de novos conhecimentos na EJA por meio de Tecnologias e Convergência de mídias requer alternativas educacionais e coloca o educando como sujeito do processo de transformação social. Contudo, é necessário que educadores da EJA possam orientar e alfabetizar para o uso das mídias e tecnologias, possibilitando aos educandos acesso e autonomia para que exerçam sua cidadania com o uso das ferramentas.

A Sociedade da Informação e Comunicação que vem se constituindo ao longo do tempo, demanda por novas competências para aprender, ensinar, trabalhar e relacionar-se com os demais. Por isso é preciso estar preparado para se integrar a esse novo momento da vida adquirindo novas competências. Para Perrenoud (2000, p.15), "Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar uma série de situações".

E se pensarmos em autonomia do educando na busca pelo conhecimento e formação, qual seria o papel do educador nesse contexto? Quais mecanismos usar para conduzir o aprender e ensinar, ensinar e aprender de forma significativa? "O uso das tecnologias da informação e comunicação pode imprimir na educação tanto" a "modernização" como a "mudança" (ALMEIDA, 2003).

Mesmo diante da diversidade de tecnologias, é possível que alguns ainda resistam a esse fenômeno tecnológico, colocando-o como empecilho da aprendizagem, questionando que conhecimento se possa adquirir com um dispositivo como o telefone celular? Porém, os jovens e adultos que passam pela EJA mostram que querem usar o celular para auxiliar em seus trabalhos diários, para calcular, para registrar um trabalho realizado usando o vídeo, para fotografar os amigos e familiares, agendar contatos, enfim, como qualquer pessoa.

Como não considerar esse anseio e propor no planejamento momentos de aprendizagem com uso dessa tecnologia. As mídias estão presentes em lares mais simples, através da televisão, isso torna as informações mais acessíveis a todos. As propagandas são utilizadas como mediação com os educandos ao informar acerca das multifuncionalidade de um telefone.

Um dos principais responsáveis pela disseminação e uso de aparelhos celulares é o baixo custo dos aparelhos e dos serviços de

telefonia móvel em comparação aos valores dos computadores e serviços de acesso à internet (SILVA; CONSOLO, 2007, p. 2).

Nos últimos anos os celulares tiveram uma redução significativa de preço, ao passo que os preços dos computadores não acompanharam esta redução, mesmo considerando os valores atuais dos computadores de baixo custo no Brasil. O estudo do uso de dispositivos móveis na educação, em especial dos aparelhos celulares, pode ser justificada, numa primeira análise, pelo número expressivo de usuários de aparelhos celulares no país, podendo se constituir em uma ferramenta para a inclusão digital.

Um olhar mais aprofundado pode revelar outras aplicações para o processo de ensino e aprendizagem, para tanto são necessárias pesquisas para a compreensão de suas possibilidades e limitações. O foco do olhar dos dispositivos móveis na educação está centrado nas possibilidades de impacto de seu uso no processo de ensino e aprendizagem, não no acesso propriamente dito, mas na incorporação dessa tecnologia como ferramenta para ensinar e aprender.

É evidente que o uso de aparelhos celulares é voltado à comunicação entre os usuários, enviar e receber chamadas e mensagens, porém cabe aos educadores ampliar o olhar para a exploração de suas potencialidades para o processo educacional. Dentre os aspectos e potencialidades do uso do telefone celular por se tratar de um dispositivo que converge as diversas mídias, a possibilidade de alfabetização e letramento, pode ser mais um instrumento que os educadores podem usar como mecanismo de ensino aprendizagem e também atribuir outro significado à comunicação e informação.

Mas a escola pode cumprir o papel de formação do desenvolvimento integral dos educandos, orientando os mesmos a aprender a filtrar informações e a ser também um leitor crítico das informações que chegam até eles. Mas não basta o acesso; é preciso educação de qualidade para que os aprendizes consigam atribuir significado às informações e utilizar as tecnologias para resolver problemas de sua vida e de seu contexto.

É imprescindível ressignificar as ideias de Paulo Freire para o mundo digital quando diz que é preciso criar alternativas para que os alunos das escolas públicas

tenham condições de ler o mundo digital e reescrever a sua própria história; a história do mundo e da sociedade conectada, na qual ele se encontra inserido.

Hoje dispomos de poderosíssimos instrumentos materiais e intelectuais para captar informações de uma vastíssima porção da realidade, processar essa informação e compartilhar o resultado desse processamento praticamente com toda a humanidade. Hoje cada indivíduo pode compartilhar conhecimentos e compatibilizar comportamentos com um número surpreendente de outros indivíduos espalhados pelo planeta (DAMBRÓSIO, 2000, Salto para o Futuro, Série Tecnologia e Currículo).

A escola é desafiada, também, a ultrapassar a lógica da exclusão social, cujo mapa das desigualdades sobrepõe-se ao da exclusão digital, da pobreza e da violência. A escola necessita dar oportunidade para que mais educandos da EJA, sintam-se estimulados para estudar e levem seus estudos até o final do período letivo e aprendam a fazer uso das mídias e da tecnologia para obterem informação e comunicação. Sob essa ótica, as instituições de ensino, para fazer frente às novas demandas e à formação de profissionais qualificados para ingresso no mercado de trabalho em condições competitivas, cada vez mais seletivo e excludente, necessitam operar com diversas adequações.

A princípio, o acesso à escola e às tecnologias por si só não são suficientes para promover a mudança educacional, embora seja um importante elemento nesse processo. Ainda assim, tal instituição precisaria de um novo currículo e de uma mudança na ordenação, nos procedimentos e nos conteúdos, especialmente no que diz respeito à incorporação das tecnologias nos currículos. A nova ordem mundial, a da globalização das economias exige tal atitudes, uma vez que os países estão sendo aferidos também por ranqueamento educacional.

Segundo Moran (2008), a Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando a vida no cotidiano. Para este autor, as tecnologias são apenas apoios, meios, mas nos permitem realizar atividades de aprendizagem de formas diferentes às de antes. Podemos aprender estando juntos em lugares distantes, sem precisarmos estar sempre juntos em uma sala para que isso aconteça.

Segundo Moran (2005), ensinar e aprender com tecnologias telemáticas são desafios que até agora não foram enfrentados com profundidade. Temos feito

adaptações do que já conhecíamos. É importante conciliar os objetivos dos Jovens e Adultos ao uso das Tecnologias e Convergência de Mídias como Alternativas Educacionais para alfabetização e Letramento. Então, saber como usam, de que maneira procuram se informar, como se comunicam, fazer uso da tecnologia como forma de expressar suas ideias e criatividade.

Freire entendia a tecnologia como uma das “grandes expressões da criatividade humana” (FREIRE, 1968, p. 98) e como “a expressão natural do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o seu primeiro instrumento com que melhor transformam o mundo” (FREIRE, 1968, p.98). A tecnologia faz “parte do natural desenvolvimento dos seres humanos” (FREIRE, 1968, p.98).

Segundo Freire (apud ALENCAR, 2005, p. 3),

A tecnologia, como prática humana, é política, é permeada pela ideologia. Ela tem um fim bem determinado, serve a um grupo de pessoas e aos mais diversos interesses: a tecnologia não é neutra, é intencional e não se produz nem se usa sem uma visão de mundo, de homem e de sociedade que a fundamente.

Somos encharcados diariamente pela publicidade que invade nossas casas, produtos tecnológicos cada vez mais cheios de novos artifícios para atrair mais consumidores. Nesse sentido, os Jovens e Adultos, se sentem motivados a participar sendo que a maior dificuldade é como funciona, quem poderia auxiliá-los ao uso dessa nova tecnologia.

Aprender e ensinar no mundo contemporâneo se tornou mais dinâmico e esse é um novo desafio que nós educadores temos que desvendar e tirar proveito dessa convergência das mídias na educação. Ainda não sabemos identificar a amplitude da influência da integração das mídias sobre as atitudes, costumes e ações das pessoas pertencentes a uma sociedade. Porém, sabemos que a convergência das mídias influencia nossos modos de ser, estar, agir e se comunicar no mundo. E, portanto, influencia nossos modos de aprender e ensinar. E isso nos interessa estudar como educadores inseridos no mundo digital.

## **CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): REFLEXÕES SOBRE UMA MODALIDADE EM CONSTRUÇÃO.**

### **2.1 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Quem poderia agora parar e se imaginar não tendo como ler ou escrever e compreender a língua nacional porque não teve oportunidade de estudar quando ainda era criança? Mas as justificativas ainda são variadas: por não haver uma escola próxima de sua casa; por ter que ajudar desde criança no sustento da família; em razão da escola não ser atrativa; por repetir uma, duas, três vezes a mesma série; dentre outros motivos. É difícil imaginar-se vivenciando uma história como essa, mas é a realidade de muitos brasileiros que hoje procuram a Educação de Jovens e Adultos para iniciar seus estudos depois de muitos anos longe da escola.

Muitas vezes definimos erroneamente Educação de Jovens e Adultos. Esta é modalidade de ensino, oferecida pelo Estado apoiado em leis que asseguram estudos para aqueles educandos que não haviam estudado em tempo ideário que a legislação educacional determinava.

Ao longo da história da EJA, houve questões políticas que prevaleceram para que de alguma forma houvesse benefícios aos governantes que apoiavam essa iniciativa de oferecer educação a todos que não estavam alfabetizados. Uma das questões diz respeito ao pleito eleitoral, pois o cidadão que soubesse escrever seu nome estaria apto a votar. Isso ocorreu por parte do poder público de que os Movimentos Populares e Instituições religiosas que estavam à frente desse trabalho da educação popular (educação para o povo) exercessem influência nos educandos, no sentido de instigar um olhar crítico sobre a realidade. Como afirma Freire (apud GADOTTI; ROMÃO, 2005, p.16):

Educadores e grupos populares descobriram que a educação popular é sobretudo o processo permanente de refletir a militância; refletir portanto, a sua capacidade de mobilizar em direção a objetivos próprios. A prática educativa, reconhecendo-se como prática política, se recusa a deixar-se aprisionar na estreiteza burocrática de procedimentos escolarizantes. Lidando com o processo de conhecer a prática educativa é tão interessada em

possibilitar o ensino de conteúdos às pessoas quanto em sua conscientização.

Observa-se uma das diferenças entre educação popular e EJA dentro desse processo de construção de sua história, no sentido de que o caminho passa pela importância do sujeito nesse movimento político na educação. Dito isso, é importante verificar os rumos que a educação de Jovens e Adultos percorreu até os dias atuais.

Parece que começamos a história de traz para frente, não exatamente nessa ordem, o que importa aqui é colocar em primeiro plano onde tudo começou traçar um diálogo pedagógico a fim de estabelecer uma ligação política e conscientizadora da trajetória da EJA para que de posse desse entendimento, justificar o tema por hora estudado.

“Antes da segunda guerra mundial as campanhas nacionais entendiam o analfabetismo como uma mazela social” (BORGES, 2009, p.140). Observa-se que nesse momento ser analfabeto se tornara um problema político, num período que vai de 1879 a 1916. Começa a surgir uma série de siglas, dentre essas a LBCA (Liga Brasileira contra o Analfabetismo). Ainda nesse período surge a LDN (Liga de Defesa Nacional), fundada pelo poeta Olavo Bilac ( BORGES, 2009).

Depois da segunda Guerra mundial entrou em cena a Organização das Nações Unidas para a Educação as Ciências e a Cultura que segundo Borges (2009, p.140) “influenciou de forma direta ou indireta nas Campanhas de Alfabetização”. É sabido que havia interesses políticos para que o governo cada vez mais intensificasse as campanhas de alfabetização. Esperavam-se reflexos, em especial, no desenvolvimento da indústria, o qual exigia mão de obra qualificada para no país e nesse prisma o impacto seria positivo.

Destaca-se de 1947 a 1985 as seguintes Campanhas com seus respectivos objetivos. O propósito era de erradicar o analfabetismo na época considerado um problema a ser enfrentado na busca do progresso.

Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos(CEAA), coordenado por Lourenço Filho, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo(CNEA), encarando o problema como causas sócio-econômicas; Movimento Brasileiro de Alfabetização(MOBRAL) que serviu aos interesses da ditadura militar e se opunha ao método Paulo Freire (...) e por fim a Fundação Nacional para Educação de

jovens e adultos (EDUCAR), pós ditadura militar (BORGES, 2009, p.140).

Porém nem tudo é o que parece, observa-se que foram tantos os programas para erradicar o analfabetismo ao longo da história, mas ainda está distante de ser equacionado. Desta forma Brandão (1984, p.17), destaca que:

Até hoje algumas pessoas imaginam que os programas setoriais de educação são diferentes uns dos outros por enfatizarem certos objetivos pedagógicos ou sociais, ou por possuírem apenas métodos diferentes, sobre propósitos finais sempre iguais: a instrução básica do cidadão, o desenvolvimento democratizador, a proporção humana. Mas são esses objetivos que fazem a diferença e muitas vezes eles estão além dos limites da educação, além da ideia romântica de que o produto final da educação é apenas o “homem educado”.

Pelos registros ao longo da história a educação de Jovens e Adultos, alguns jovens procuravam a EJA na perspectiva de que conseguiriam superar a realidade de ausência de oportunidade de formação profissional e desenvolvimento de habilidades para expressar suas potencialidades no mercado de trabalho. Entretanto, as diversas dificuldades enfrentadas por esse público, tem produzido larga evasão na EJA. Isso se deve, em geral, a necessidade de aliar o trabalho ao estudo, tornando difícil conciliar a burocracia da escola com seus horários rígidos e regras a serem seguidas e a de patrões que não querem saber se o funcionário está estudando, pois o que interessa ao mercado capitalista é a produção. Desta forma os programas educacionais não logravam sucesso. Nos dias atuais a realidade posta indica que esse cenário ainda prevalece.

Cada novo governo tenta dar um rumo novo a EJA conforme seus interesses, pois, trata-se de jovens e adultos que também são eleitores. Nesses termos podemos destacar o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que foi usado na época do regime militar, onde tudo que se ensinava estava dentro da cartilha e de acordo com os interesses de tal regime. Para aprender a ler e escrever nessa época utilizava-se textos simples e completamente fora da realidade de jovens e adultos. “EVA VIU A UVA”, na morfologia sintaxe é fácil, e talvez tenha certa coerência no sentido de fazer um indivíduo ler palavras simples e dentro de

uma mesma sonoridade, mas questionar por que Eva viu a uva, e o que ela fez depois de ver a uva, ou até mesmo questionar se no lugar onde ela vive é possível se plantar uva, talvez passasse a ser subversiva a “ordem” decretada.

Diante dessa ordem, o método de Paulo Freire representava o diferencial de tudo que havia surgido de Educação de Jovens e Adultos, pois aliado a educação vinha o “respeito aos saberes dos educandos” como diz em seu pequeno livro *Pedagogia da Autonomia*. O método Paulo Freire baseou-se nos temas geradores escolhidos no meio da comunidade, de palavras que eram resultado de suas experiências de vidas.

Dizia Freire, se um pedreiro mexe com tijolo para construir casa, prédios, vilas, tijolo pode ser um caminho para o educando entender a palavra, com sentido e significado, porque um tijolo sozinho e só um tijolo, mas um tijolo junto com outros tijolos, fixados com cimento e areia pode vir a ser casa que abriga, aquece, protege. Se não há salário para comprar tijolo, pagar um pedreiro, não há como ter minha casa, meu abrigo, minha proteção. Enfim, essa forma de tornar possível a leitura de mundo, não de qualquer mundo, mas do mundo do educando era que Paulo Freire defendia seu método, por isso foi considerado pela Ditadura Militar como subversivo e acabou sendo exilado.

Houve várias conferências organizadas para decidir os rumos da educação de adultos. Segundo Rocha et al (2002, p.5) houve a 1ª Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada na Dinamarca, em 1949. Montreal, no ano de 1963, sediou a 2ª Conferência onde a Educação de Adultos foi discutida sob dois enfoques distintos: como uma continuação da educação formal permanente e como uma educação de base ou comunitária. E, a 3ª Conferência realizada em Tóquio em 1972, a qual sugeriu a reintrodução de jovens e adultos no sistema formal de educação.

Nos anos 40, a Educação de Adultos era entendida como uma extensão da escola formal, principalmente para a zona rural. Já na década de 50, a Educação de Adultos era entendida como uma educação de base, com desenvolvimento comunitário. Com isso, surgem, no final dos anos 50, duas tendências significativas na Educação de Adultos: a Educação de Adultos entendida como uma educação libertadora (conscientizadora) pontificada por Paulo Freire

e a Educação de Adultos entendida como educação funcional (profissional) (ROCHA et al, 2002, p.6).

A EJA já se encontra regulamentada no Brasil. Primeiro foi amparada pela Lei nº 5.692 de 1971 e, posteriormente, pela Lei nº 9394/96 (LDB). A Lei de Reforma nº 5.692/71 atribui o capítulo IV, dispondo sobre o ensino supletivo e recomenda os estados a atender jovens e adultos.

Art.24 - O ensino supletivo terá por finalidade:

- a) Suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não tenham seguido ou concluído na idade própria;
- b) Proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

Art.25- O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

§2º- Os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos.

Art.26- Os exames supletivos compreenderão a parte do currículo resultante do núcleo-comum, fixado pelo Conselho Federal de Educação, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular, e poderão, quando realizados para o exclusivo efeito de habilitação profissional de 2º grau, abranger somente o mínimo estabelecido pelo mesmo Conselho.

§1º- Os exames a que se refere este artigo deverão realizar-se:

Ao nível de conclusão do ensino de 1º grau, para os maiores de 18 anos;

Ao nível de conclusão do ensino de 2º grau, para os maiores de 21 anos;

§2º- Os exames supletivos ficarão a cargo de estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, indicados nos vários sistemas, anualmente, pelos respectivos Conselhos de Educação.

Art.27- Desenvolver-se-ão, ao nível de uma ou mais das quatro últimas séries do ensino de 1º grau, cursos de aprendizagem, ministrados a alunos de 14 a 18 anos, em complementação da escolarização regular, e, a esse nível ou de 2º grau, cursos intensivos de qualificação profissional.

Art.28- Os certificados de aprovação em exames supletivos e os relativos à conclusão de cursos de aprendizagem e qualificação serão expedidos pelas instituições que os mantenham.

Vale destacar o exíguo tempo de elaboração da Lei de Reforma nº 5.692/71. A mesma “foi elaborada em um prazo de 60 dias, por nove membros indicados pelo então Ministro da Educação Coronel Jarbas Passarinho” (ROCHA et al, 2002, p.7). Um tempo considerado curto para discussão de um dos direitos considerados essencial na formação do ser humano. A citada lei dedicou, pela primeira vez na história da educação, um capítulo ao ensino supletivo, em substituição à Lei nº 4.024/61.

Observa-se que, com a entrada da nova constituinte onde se busca a democratização do ensino público, houve repercussão na última LDB, que em contrário promoveu amplo debate entre tendências do pensamento educacional brasileiro, levando treze anos para ser editada e sancionada.

A Lei nº 5692/71 concedeu flexibilidade e autonomia aos Conselhos Estaduais de Educação para normatizarem o tipo de oferta de cursos supletivos nos respectivos Estados. Isso gerou grande heterogeneidade nas modalidades implantadas nas unidades da federação. Para implementar a legislação, a Secretaria Estadual da Educação criou, em 1975, o Departamento de Ensino Supletivo (DESU) em reconhecimento à importância crescente que essa modalidade de ensino vinha assumindo (ROCHA et al, 2002, p.8).

A despeito dessas questões, a modalidade EJA começou a ter maior procura por jovens e adultos trabalhadores que não concluem seus estudos. Por estarem devendo algumas disciplinas representa uma possibilidade de fazer provas somente nas disciplinas pendentes. Ainda há aquelas pessoas que aprendem em casa e não têm como comprovar seus estudos.

Até a 2ª Guerra Mundial, a Educação de Adultos no Brasil era integrada à Educação Popular, ou seja, uma educação para o povo, difusão do ensino elementar. Somente depois da 2ª Guerra Mundial é que a Educação de Adultos foi concebida como independente do ensino elementar (PAIVA, apud GADOTTI, 1995, p. 31).

Em 1989, em comemoração ao Ano Internacional da Alfabetização, foi criada, no Brasil, a Comissão Nacional de Alfabetização, coordenada inicialmente por Paulo

Freire e depois por José Eustáquio Romão, que é um educador que junto com outros educadores coordena o Instituto Paulo Freire, uma entidade que atende aos diversos segmentos escolares.

Nos dias atuais, o Governo encontra-se desarmado teórica e praticamente para enfrentar o problema de oferecer educação de qualidade para todos os brasileiros. Apesar da vigência da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, do Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem, documentos da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, e da nova LDB, o Governo Brasileiro não vem honrando seus compromissos em relação à educação. Isso tem sido evidenciado por meio de inúmeras reivindicações dos professores em direção a melhores condições de trabalho.

Sabe-se que a educação é um direito de todos e um dever do Estado garantir para que todos tenham acesso a educação, conforme preconiza a Constituição Federal de 1988. Entretanto, sabe-se que ainda hoje existem pessoas ( jovens e adultos) pobres e analfabetas.

Na LDB nº 9.394/96, consta no Título V, Capítulo II, Seção V, dois artigos relacionados, especificamente dirigidos à Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I. no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II. no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames. (LDB 9394/96)

Mas a realidade indica que ainda estamos longe de alcançar minimamente o que determina a legislação, cujos reflexos podem ser visualizados na vida das pessoas. Como afirma Gadotti e Romão (2005, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o processo de alfabetização dos jovens e adultos. Falo de “jovens e adultos me referindo à “educação de adultos”, porque notei que aqueles que freqüentam os programas de educação de jovens e adultos majoritariamente são jovens trabalhadores. ( grifo dos autores)

Isso de fato ocorre e dentre alguns entraves podemos salientar que, inúmeras vezes alunos da EJA enfrentam escolhas de trabalho que não desejam; há casos de educandos pararem de estudar porque conseguiram um novo emprego que exige constantes viagens; jovens que abdicam dos estudos porque precisam optar entre o trabalho e o estudo. Freire em Pedagogia da Autonomia fala da importância do educador ter convicção da mudança, e que é preciso simplicidade para ser educador:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua **presença** se vá tornado **convivência**, que seu estar no **contexto** vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como **determinação**. O mundo não é. O mundo está sendo (FREIRE, 1996, p. 85, grifos do autor).

A EJA, portanto, é uma importante variante da educação que deve ser multicultural, que respeite o conhecimento prévio de cada um dos alunos, onde este

se sinta confortável e atraído na busca de novos conhecimentos, resultando em sucesso no desenvolvimento intelectual.

Deve mostrar ao longo de sua realização que o educando possui capacidade para desenvolver habilidades para o seu cotidiano, considerando a própria realidade em que vivem, exercendo então, sua cidadania. Para tanto, é preciso estimular a auto-estima desses educandos, ofertar aulas que torne-os interessados em vir à escola, ou seja, a educação deve primar pela motivação permanente desses alunos, que se desdobrem em esforço presente e permanente por parte deles.

## 2.2. PAULO FREIRE: CONTRIBUIÇÕES A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.

Uma das maiores contribuições de Paulo Freire a Educação de Jovens e adultos foi acreditar na capacidade dos jovens e adultos que não tiveram acesso ao estudo, colocando-os no centro do processo ensino aprendizagem.

Paulo Freire nasceu no Recife, um estado onde o índice de analfabetismo era elevado. Assim, interessou-se pela educação dos oprimidos de sua região. Seu modo de ser enquanto pessoa fez nascer em si uma vontade de lutar pelos direitos dos mais pobres. Formou-se em Direito e desenvolveu um método de ensino para jovens e adultos, mas que pode ser usado em todos os níveis de ensino.

Sua trajetória de vida e a forma como foi alfabetizado suscitou o seu respeito e interesse pela educação dos jovens e adultos. Foi um importante referencial para muitos jovens educadores de jovens e adultos principalmente pelo respeito que ele tinha com os saberes dos educandos. Desejava a transformação da escola pública, mas, para isso, era necessário uma transformação política e da oportunidade concreta de formação para jovens e adultos. Como afirmam Linhares e Trindade (2003, p.119),

Na década de 1990, inspirado na obra de Paulo Freire, nasceu no Brasil um grande movimento em torno da tese da **educação para e pela cidadania**, chamado pelo Instituto Paulo Freire de “Projeto da Escola Cidadã”. (grifo das autoras)

Paulo Freire, como cidadão do mundo, influencia educadores, pesquisadores, estudantes e a todos que pretendam participar dessa transformação social. Seu legado é uma contribuição à educação de jovens e adultos, pois pressupõe o diálogo na construção de uma educação pública de qualidade.

Paulo Freire, trabalhando como coordenador dos projetos de educação de adultos apoia a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), mas, nunca quis usar os educandos para fins divergentes do benefício ao próprio educando, pois acreditava que o educando traz consigo uma série de informações e conhecimentos.

O aluno chega à escola transportando consigo cada vez mais um mundo e uma carga de informações que ultrapassam o estreito âmbito da família, transmitidas, sobretudo pelos meios de comunicação. As crianças hoje dedicam menos tempo à escola e aos estudos do que à televisão. Como fazer uma escola eficaz para esse aluno? Necessitamos de uma pedagogia que promova a aprendizagem permanente. A era do conhecimento é também a era da sociedade aprendente: todos tornam-se aprendizes. (LINHARES; TRIDADE, 2003, p.120)

Nesse sentido, Freire aborda o tema do educador ser um eterno ser “aprendente” (2003, p. 120), e fala da importância da formação do educador para se ver sujeito da transformação. Não dá para existir uma vaidade de achar-se superior ao educando, mas coloca o educador no mesmo patamar do educando. “O professor não é mais o que sabe e o aluno o que aprende. Ambos, em sessões de trabalho (círculo de cultura), aprendem e ensinam com o que juntos descobrem.” (LINHARES; TRINDADE, 2003, p.121).

De modo geral Freire demonstrou que na experiência de educação popular e educação de base poderia ser um grande referencial para as escolas como um todo, e nos mostra que é possível alfabetizar jovens e adultos, a partir da experiência realizada em Angicos, relatada pelo professor Carlos Lira:

Angicos é uma árvore grande, frondosa, boa lenha.(...) Angico é uma cidadezinha no sertão bem no meio do Rio Grande do Norte, à margem esquerda do Rio Pataxó.(...)Ninguém me contou,e eu vi acontecer,vi a revolução.

Um dia chegou em Angicos um bando de moças e rapazes, quase todos universitários e todos voluntários. Bateram de porta em porta:

\_ O senhor sabe Ler?

Saíram avisando, um alto falante montado num jipe:

\_ Nós vamos ensinar quem quiser qualquer pessoa pode ler e escrever. (LOBO, apud LIRA, 1996, p.20)

Nos anos de 1950, Paulo Freire aparece como um defensor da Educação de Jovens e adultos, e em 1963 teve uma oportunidade de poder fazer um projeto em Anginco. Os círculos de Cultura eram nomes dado as escolas, quando se fala em método Paulo Freire.

Lira (2009, p.68) conta essa experiência pioneira de educação, mostra as dificuldades que passam, observa-se relatórios dos educadores diariamente, onde registram as razões das faltas dos educandos, aparecem situações semelhantes a que temos hoje: mãe que não têm como deixar os filhos, pessoas que têm medo de sair a noite para estudar, dadas as ruas não serem iluminadas na época, diferente dos dias atuais onde o que amedronta diz respeito à violência e a falta de manutenção da iluminação pública. Gadotti apresenta o Método Paulo Freire inventado partir de uma visão de mundo e de um dialogar, onde o educador se questiona: como o ser humano aprende?

Primeiro momento do método Paulo Freire, consistia em fazer uma investigação temática, descobrir o que o educando já sabe. O segundo momento fazer a tematização vamos descobrir o significado desse tema, e nesse processo o educador é o incentivador da aprendizagem. No terceiro momento é o problematizador, é um momento privilegiado (GADOTTI, 2006, apresentando Paulo Freire na Coleção Grandes Educadores).

Gadotti, através de uma conversa sobre o método Paulo Freire de educação tenta explicá-lo evidenciando a humanidade do mesmo e enfatizando que Freire sempre acreditou na capacidade do ser humano e que o conhecimento só é valido se for construído no diálogo com o outro. Tal método engendrou uma experiência educacional, a qual foi interrompida pelo regime militar, em março de 1964 (apud Gadotti, 1979, p. 71), cuja experiência só foi retomada 25 anos mais tarde. Freire enfatizava que o fracasso de uma educação pode ocorrer se não inserir o educando no processo educativo, e assim se manifesta Freire:

A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1987, p.84).

Seu método foi considerado pela ditadura militar como "método subversivo", Paulo Freire, não pôde permanecer no País, cadernos e atividades de educandos foram queimados. Contudo, nada calou a voz de um educador do mundo, pois sua experiência de pensar a educação só se aprimorou e somou com outras experiências em cada país por onde foi dialogando com outros educadores.

“Os oprimidos só começam a desenvolver-se quando superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si” (FREIRE, 1987, p.159). Para este autor, não é possível desenvolver uma sociedade sem verdadeiramente apostar na educação das crianças dos Jovens e Adultos. Sua forma de pensar a educação estimulou muitos educadores e pesquisadores do mundo inteiro, o Instituto Paulo Freire contabilizou que mais de noventa países lêem Paulo Freire.

### 2.3. UM OLHAR SOBRE QUEM SÃO E ONDE ESTÃO OS JOVENS E ADULTOS DA EJA.

A partir da leitura da concepção de Miguel Arroyo sobre o percurso de Jovens e Adultos que fazem a EJA, verifica-se que educador associa a realidade de trabalhadores e estudantes com realidade própria da juventude das camadas populares, permeada por dias de incertezas, correria, cansaço, penúria. Como educar para o futuro pessoas que estão com sua dignidade sucateada? A educação que antes em um panorama de desenvolvimento integral do homem, de preparação para o trabalho, de dar conta de uma escolaridade que estava atrasada para que jovens e adultos pudessem acompanhar normalmente seus estudos como qualquer jovem, não aconteceu como se esperava.

São anos consecutivos de exclusão, pois a história do mundo do trabalho emergiu acumulando situação de desigualdade. Os jovens e adultos, especialmente

falando do tempo presente, já saem em desvantagem na competição capitalista que norteiam a vida em sociedade. Nesse sentido, Arroyo (2010, p.3) eleva a seguinte questão: “onde estes jovens estão mais perto? Na pobreza, miséria, subemprego, vulnerabilidade”.

Observa-se segundo análise de Arroyo que a maioria dessas pessoas está em trabalho informal. Na ótica desse autor (2010, p.4) “trabalho informal não tem nem forma, nem legislação, nem aposentadoria (...)”. Enfim, não garante os direitos constitucionais de um trabalhador. Mas observa-se que trabalho informal, tem horário, tem método, tem variações de tarefas e são “incertos”. Hoje se garante uma alimentação, amanhã tem que ir a busca de outra oportunidade.

Nesse sentido “o presente passa a ser muito mais importante do que o futuro (...). Agora o presente incerto substitui o futuro” (ARROYO, 2010, p.6). Ao longo de nove anos um grupo de educadores da EJA reúnem-se em Um Encontro do Fórum Mineiro para fazerem um Balanço da atuação nessa jornada da Educação de Jovens e Adultos. Arroyo inquieto com a ausência de olhar crítico sobre a efetividade da EJA no sentido de resgatar jovens e adultos que estão à margem do sistema educacional regular, levanta uma série de questionamentos:

Estou sugerindo que o melhor caminho para fazer esse balanço é buscando saber o que aconteceu ao longo desses últimos nove anos com os próprios jovens e adultos. A pergunta poderia ser esta: que traços têm caracterizado ou que marcas poderíamos encontrar na construção dos jovens e adultos populares? O que lhes afeta mais? O que os desestrutura? O que os interroga? Como eles se interrogam sobre si mesmos, sobre sua própria construção? (ARROYO, 2010, p.2)

O intento deste autor é instigar a comunidade acadêmica e científica arrolada às questões educacionais a pensar e discutir um currículo que se aproxime da realidade dos potenciais alunos da EJA, os que estão fora da escola. Nos dias atuais observa-se que esta modalidade de ensino está descaracterizada na medida em que os alunos em geral são aqueles que, no ensino regular não tiveram desempenho satisfatório no tempo devido, sendo, portanto, transferidos para a EJA como última alternativa, sem uma análise dos reais motivos que levaram esses alunos a tal situação.

Enquanto isso, os alunos que de fato deveriam ser contemplados pela EJA, permanecem no seu entorno por não se sentirem atraídos pelo conteúdo aplicado em sala de aula. Os que se arriscam a ingressar na EJA, também não enxergam a sua realidade no ambiente escolar, em razão da dissociação dos conteúdos trabalhados, da sua realidade de vida. Isso poderá implicar em dificuldades na perspectiva de mudança de vida desses alunos no contexto de vivência, ou seja, no mundo.

Arroyo (2010, p.6) então pergunta: onde eles estão? Quais benefícios colheram ao longo dos anos estudados e principalmente, quais as melhorias de vida a educação lhes ofertou? Evidencia-se, nesse aspecto, que a dimensão socioeconômica não proporciona uma integração dos nossos Jovens e adultos da EJA com os jovens que tiveram acesso a educação de forma plena. É ilusório pensar que esta alternativa resolve todos os problemas desse público, mas deveria apontar caminhos para o melhoramento do seu cotidiano.

Portanto, a segregação continua, evidenciando um fosso muito grande, pois, os alunos da EJA, em geral, são recebidos com pouca credibilidade no mercado de trabalho mesmo após terminarem o ensino médio, isso quando há oportunidade de emprego.

Nossos jovens e adultos necessitam de oportunidades reais, onde possam se dedicar aos estudos sem ter que estar tentando assegurar a sua sobrevivência. “O que significa isso para um jovem e adulto, que nem sequer pode se considerar trabalhador formal. O subemprego, a sobrevivência mais imediata. Creio que o traço mais sério de tudo isso é a insegurança” (ARROYO, 2007, p.3).

O citado autor para ilustrar sua fala, faz um cenário com a letra da música de Chico Buarque: Pedro pedreiro, “esperando alguém, esperando o trem...” enfim porque na sociedade industrial ainda tinha o que esperar, hoje, os jovens e adultos da EJA não esperam. Que currículo daria conta de compreender essa realidade? Dentro desse aspecto o autor enfoca que é necessário um currículo que envolva muito conhecimento para dar conta da sobrevivência nessa vulnerabilidade (ARROYO, 2007).

## **CAPITULO 3: ANÁLISE DOS DADOS DO USO DO CELULAR NA ESCOLA ESTADUAL SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS**

### **3.1 SITUANDO A ESCOLA.**

A Escola Estadual São Francisco das Chagas, está situada na cidade de Macapá-AP, na Avenida Humberto Góes Pereira S/nº. Na zona urbana periférica do bairro Araxá. Tal instituição de ensino não tem terreno próprio, seu prédio é de madeira e alvenaria, alugado para o Governo do estado do Amapá, através de convênio firmado com a Secretaria de Estado da Educação.

A Escola Estadual São Francisco das Chagas desenvolve um trabalho com uma clientela de crianças, Jovens e Adultos da periferia do Araxá e Pedrinhas e atualmente funciona atendendo alunos nos turnos da manhã e tarde, nas primeiras séries do Ensino Fundamental e início da implantação do Ensino de nove anos e no da noite com EJA( Educação de Jovens e Adultos).

A EJA funciona com duas turmas: uma com a 1ª etapa que contempla a alfabetização, 1ª e 2ª série e, a outra com a 2ª etapa que corresponde a 3ª e 4ª série, matriculados para o ano de 2012, 35 alunos. Nessas turmas há acompanhamento de um professor de educação especial aos alunos com necessidades especiais, atuam ao todo três professores . Vale destacar que, a maioria dos alunos entrevistados são trabalhadores distribuídos entre diversas atividades. Há pedreiros, ferreiros, empregadas domésticas, lavadores de carro, dona de casa, operadores de máquinas, serralheiros, trabalhadores informais, desempregados e estudantes.

### **3.2 PERFIL DOS EDUCADORES E EDUCANDOS DA EJA.**

Quanto à formação dos professores, observou-se que as duas professoras que atuam nas turmas de 1ª e 2ª etapas possuem nível superior e o professor de

educação especial possui complementação pedagógica para atuar como tal. O tempo de atuação profissional dos professores é de mais de 17 anos.

Quanto ao conhecimento intelectual e didático desses professores, verificou-se a preocupação de estarem se atualizando, procuram cursos de atualização e o professor de educação especial demonstrou interesse em ingressar na área de educação superior.

No que diz respeito à visão dos professores sobre os alunos que estudam na EJA, identificou-se através do questionário que para eles os alunos usam a escola como terapia para aliviar o estresse diário. Os alunos recorrem a EJA por motivos diferenciados, seja por motivo de distorção idade série e quando atingem 15 anos são passados para EJA; seja por interesse em aprender mesmo, como em geral é o caso dos mais velhos que buscam aprender a ler e a escrever para ter mais conhecimento e usar no seu trabalho, outros ainda, por nunca terem estudado na infância e vislumbram ser essa a oportunidade, principalmente para incentivar seus filhos ao estudo. Vale destacar, que 56% estão na faixa etária entre 15 a 30 anos e 17% acima dos 50 anos (FIGURA 1). É de fato um público bastante diversificado em termos de idade.

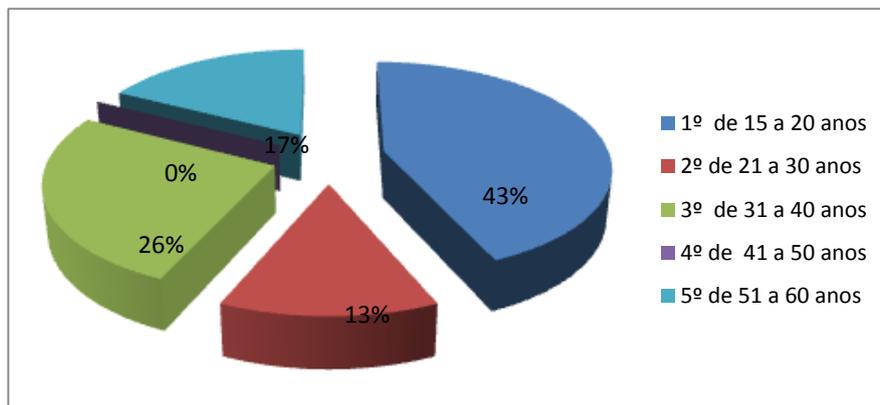


FIGURA 1: Idade dos alunos da EJA.  
Fonte: Pesquisa de campo.

No gráfico acima, nota-se que há predominância dos adolescentes( segundo o ECA, pessoa de 12 anos completos até 18 anos incompletos), que somados aos

jovens com idade até 20 anos correspondem a 43%, os educandos que estão na faixa etária de 21 a 30 anos é de 13%, os entrevistados que compõem a faixa entre 31 a 40 anos ocupa o segundo lugar com 26%. Os adultos que têm idade acima de 51 anos correspondem a 17% e 1% está entre 41 e 50 anos. Ressalta-se que a incidência de adolescentes oriundos das turmas do 1º e 2º turno, refere-se àqueles que ficaram reprovados devido as atividades laborais. Alguns destes adolescentes já estão no mercado informal de trabalho e estudar e trabalhar no período diurno tornava-se bastante difícil.

### 3.3 ALGUMAS SITUAÇÕES COTIDIANAS TRATADAS NAS AULAS DA EJA

A maioria dos adultos assistem jornais televisivos para saber de informações locais, do Brasil e do mundo. Sobre essa mídia os professores fazem debate para saber como os alunos entendem as informações contidas. Observa-se que os adultos têm mais facilidade em analisar as reportagens. Como exercícios de comparações de opiniões anotam as respostas, selecionam-se as ideias semelhantes. Esse é uma forma de aproveitar um instrumento como a TV que possuem em casa para que possam olhar com senso crítico as notícias e trazer para sala de aula suas opiniões a fim de elaborarem novas ideias.

Os jovens gostam mais de programas jovens e filmes. Mas, tivemos casos de alunos chegarem à escola só depois da malhação. Notou-se que sempre que havia alguma informação relevante para eles ou algo que já havia sido tratado na sala eles comentavam.

Dentro do aspecto filme, assistem filmes que apresentam semelhança com texto estudado no livro didático destinado a modalidade EJA. O texto: “A disciplina do amor”, de Lygia Fagundes Telles, foi comparado com o filme Hachiko: sempre ao meu lado. Dois alunos foram escolhidos para assistir em suas casas, mas todos assistiram na sala de aula. A experiência mostrou que mesmo tendo TV e DVD em casa os dois alunos não assistiram em suas casas, mas assistiram na escola. Após a análise ambos falavam sobre como os animais podem ser fiéis ao homem.

Observa-se que através de um filme e de um texto, os alunos da EJA têm condições de contextualizar e obter aprendizagens significativas com reflexos na

produção de seus próprios textos, a partir de diferentes tecnologias, das mais simples às mais contemporâneas.<sup>1</sup>

Com os jovens e adultos surgem questões espontâneas que podem ser trabalhadas na sala de aula, contextualizando com as notícias cotidianas e ao mesmo tempo associando ao planejamento bimestral e projetos a serem desenvolvidos, aliado também, ao conhecimento que o aluno acumula, decorrente de conteúdos historicamente construídos.

Dentro desses aspectos, aproveitando as informações que as mídias trazem e trabalhando de forma dialógica com as análises dos alunos podemos construir um novo entendimento que tenha um sentido na comunidade em que vivem (FIGURA 1) para que o mesmo, de posse desse conhecimento, entenda sua importância na construção de um nova realidade para sua vida<sup>2</sup>.

Nesta figura 2, o aluno tentou retratar a sua realidade em algum momento da vida em sociedade e no mundo.



FIGURA 2. Pintura realizada por aluno da EJA.

Fonte: Adielson Silva Machado, 26 anos, profissão de pedreiro, 2012.

<sup>1</sup> Os alunos produziram textos sobre seus animais de estimação, cada um trouxe o nome de seu cachorro, um deles fez a foto com o telefone celular.

<sup>2</sup> A escola passou a ser um espaço de referência para um de nossos alunos, esse ano ele passou por grandes perdas na família, órfão de pai e mãe vive com irmãos mais velhos, infelizmente perdeu uma irmã que ia dar a luz na maternidade desta cidade em maio/2012 e em junho perde um irmão mais velho que levava todos os dias a escola por complicações de saúde( tinha diabete e não sabia). Enfim, muitas tragédias em um espaço de tempo pequeno.

Observa-se que mesmo com o uso de novas tecnologias, não se descartou formas de trabalho pedagógico como a pintura e o desenho e ainda pode ser integrado nas práticas pedagógicas, utilizando como novas alternativas de produção de imagem com o tema identidade cultural, realizado em uma oficina com os alunos das duas turmas de 1ª e 2ª etapa.

Dentro das atividades oferecidas encontra-se produção de textos no notebook, com o tema desenvolvido em comemoração ao dia internacional da água. Cada aluno produziu o seu entendimento sobre a importância da água e transmitiu através do aplicativo *Power Point*. Cada aluno ao ouvir os relatos de experiências dos colegas expressava sua opinião. Em uma das experiências aparece como eles percebem a força da água do Rio Amazonas em suas moradias, ou seja, quando a maré avança e desabriga várias famílias no bairro do Aturiá.

Nesse momento os estudos sobre o fenômeno das águas grandes foi estudado e uma das alunas a senhora Maria Ozenita, de 53 anos, explicou o que significava essa força das águas. “A água vai subindo devido à força da lua, de repente a maré vem subindo, quando acontece isso ,não consigo nem dormir a noite...”. O aluno Adelson construiu a frase: “A água é para viver.” Mesmo com todos esses problemas vivenciados reconhecem a importância da água. “Sem a água não fazemos nada.” (João de Deus, 28 anos, pedreiro). “Não devemos desperdiçar a água.” (Cristina, 15 anos, estudante). Eles tocaram nesse ponto por que apesar de viverem as margens do Rio Amazonas, há dificuldades em se obter água da Companhia de águas do Amapá (CAESA). Ultimamente tem sido difícil obter água nas torneiras no bairro, algumas apenas pingam.

Ao lerem o seu livro didático em matemática, observaram o cálculo de que uma torneira gotejando gasta por mês 1.380 litros de água.<sup>3</sup> Outra frase construída foi: “... a água faz parte da vida da gente” (Silvio Laureiro, 15 anos, estudante). “Sem a água a gente anda sujo, sem a água não faz comida...” (Maria Santana, 35 anos, dona de casa); “Se a gente não tiver a água, não sobrevive.” (Ozenita, 53 anos, cozinheira); “A água serve de caminho pras canoas, para os barcos...” Benedito, 38 anos, pedreiro. Enfim, foi possível observar que é possível trabalhar associando conteúdos do livro didático ao contexto de vivência dos alunos, integrando as

---

<sup>3</sup> Fonte: [WWW.sabesp.com.br/CalandraWeb/Acesso](http://WWW.sabesp.com.br/CalandraWeb/Acesso) em 30 nov.2009.

tecnologias como uso do *data show*, para produção de textos com pensamento crítico, investigando, comparando, socializando ideias e construindo saberes.

Outro tema trabalhado durante a pesquisa foi à páscoa. Dentro desse tema trabalhou-se com o recurso tecnológico (*notebook* e *data show*) e em seguida suscitou-se debate para reflexão sobre o sentido da Páscoa nos dias atuais.

Atualmente, na medida do possível, a escola usa a tecnologia e algumas mídias em prol da aprendizagem, a despeito de enfrentar dificuldades estruturais. Trata-se de uma escola que não possui espaço físico destinado para a TV escola, nem espaço para o laboratório de informática, quando se passa algum filme educativo, uni-se duas turmas em uma sala de aula. A escola tem dezesseis computadores para uso do Laboratório, porém não foram usados pelos alunos por falta de espaço para uso destinado ao desenvolvimento pedagógico.

#### 3.4 ANALISANDO A PESQUISA DE CAMPO QUANTO AO USO DO CELULAR COMO INSTRUMENTO DE ENSINO APRENDIZAGEM.

O telefone celular é um importante apoio à memória, além de registrar momentos e permitir arquivar, possui a função de agenda, a qual permite registrar e gravar telefones para contato. Desta forma, observa-se que trata de uma ferramenta que pode ser usada a favor da alfabetização e letramento de jovens e adultos da EJA. O desafio que se apresenta com a falta de espaço para implantação de um laboratório de informática e com o acesso cada vez mais viável do telefone celular essa pode ser uma alternativa de introduzir nossos jovens a tecnologia digital, pois no mundo globalizado a “Alfabetização passa a ser vista como acesso a ferramentas múltiplas que capacitam a pessoa a dar conta dos desafios da sociedade e da economia” (DEMO, 2007, p.5).

A pesquisa envolveu um universo de trinta e cinco alunos, todos inscritos para cursar a EJA. Desses, observou-se que vinte e cinco alunos possuíam telefone celular, o que corresponde a 71% (FIGURA 3). Mesmo aqueles alunos que não tem domínio da leitura e da escrita encontram nesse aparelho soluções de comunicação no dia a dia. Identifiquei também, que dez não tinham telefone (29%) no início da

pesquisa. As razões são diversas, uns perderam, outros foram roubados, enfim, mas identifiquei que em algum momento já haviam possuído tal equipamento.

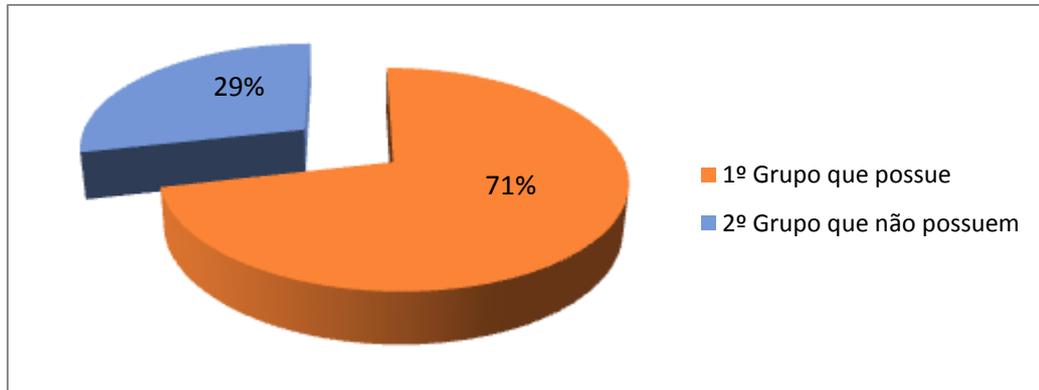


FIGURA 3 : Acesso ao telefone celular.  
Fonte: Pesquisa de campo.

De acordo com a figura 4, que se refere às formas de uso do celular, dos 35 alunos inscritos na EJA, a maioria (59%) usa o telefone celular para se comunicar com parentes e amigos. Este aparelho se tornou um instrumento de comunicação familiar. O telefone é do filho, mas a mãe (caso de Dona Ordaiza) se comunica com seus parentes e amigos através do mesmo aparelho. O aparelho que em geral é de uso pessoal, porém nesse caso, tornou-se de uso comunitário. Observou-se também uma integração entre os mesmos na troca de informação quanto ao uso. O mesmo gráfico aponta que 20% usam para ouvir música, fotografar e gravar representam 20% e apenas 1% usa para acessar a internet, principalmente para verificar resultado de jogos.

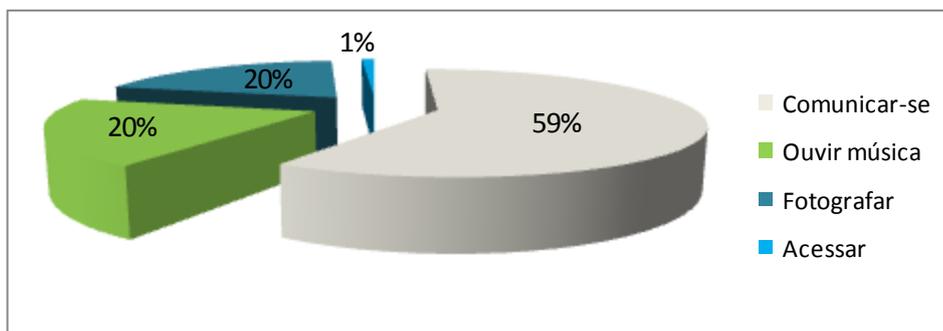


FIGURA 4: Formas de uso do telefone celular.  
Fonte: Pesquisa de campo.

Observa-se na pesquisa que metade dos entrevistados usa o serviço de SMS, principalmente a opção “me liga” oferecido pela operadora gratuitamente. Utilizam tal opção para informar que estão sem crédito e que o destinatário deverá retornar a ligação. Observa-se que mesmo pessoas que ainda estão no processo de alfabetização, conseguem aos poucos operar telefone celular, principalmente pela necessidade de comunicação porque a maioria não tem telefone residencial. Entretanto, verificou-se que há preocupação com alguns quesitos no ato da aquisição do aparelho, por exemplo: aquisição do telefone em lojas para ter garantia; troca de aparelho com vistas a obter mais e melhores funções.

Jovens e Adultos da escola pública, especialmente a que foi ambiente da pesquisa, estão vendo no celular uma maneira de ter em um único dispositivo, várias funções que antes parecia ser uma realidade remota. Poucos tinham condições de ter uma câmera filmadora para apresentações de trabalhos em sala de aula, o que ainda é muito presente, o que impossibilitava de registrar seus momentos de aprendizagem no ambiente escolar.

Observa-se que com o desenvolvimento tecnológico, é possível perceber os jovens sendo produtores de pequenas filmagens que possam contribuir na formação de pessoas mais críticas e executoras de suas ideias, tendo mais facilidade para fotografar momentos relevantes de atividades em sala de aula ou propor temas para pesquisas.

Observou-se na pesquisa que os alunos estão ouvindo mais músicas, trocando entre si com facilidade as músicas, tendo maior rapidez na comunicação por celular, usando-o para facilitar seus contatos de serviços e trabalhos, pois em geral são trabalhadores informais. No mercado de trabalho a comunicação é fundamental na socialização de novos contatos de trabalho, como também, no acesso a clientela que mais rapidamente contrata serviços. O mercado informal depende muito desse aparelho, surgem mais oportunidades, na medida em que há propaganda de seus trabalhos geram novos clientes ou novos chamados para realização de serviços. Portanto, o telefone celular desempenha um papel fundamental de comunicação e de aprendizagem na vida de alunos, o que não subtrai a importância das demais mídias, pois cada uma desempenha papel fundamental na comunicação. O celular é um dos equipamentos que possibilita essa convergência que ajuda na

aprendizagem. O uso do telefone celular também tem sido usado para comunicar motivos de ausências às aulas. Observou-se na pesquisa que também é um meio de ligação que a família dispõe para saber como anda a aprendizagem do aluno.

Sobre o uso do celular como instrumento facilitador da aprendizagem, para além de gravarem números de telefones para contatos, que segundo a pesquisa de campo representa 40%, possui outras funcionalidades que podem contribuir na aprendizagem (FIGURA 5). A mesma figura aponta que 30% dos entrevistados utilizam o celular para fotografar imagens do cotidiano, 20% gravar aulas e 10% vídeos diversos. Considerando que imagens do cotidiano também são elementos que educam, e que somados aos 20% que utilizam para gravar aulas, então significa que 50% desse uso se dá em favor da aprendizagem.

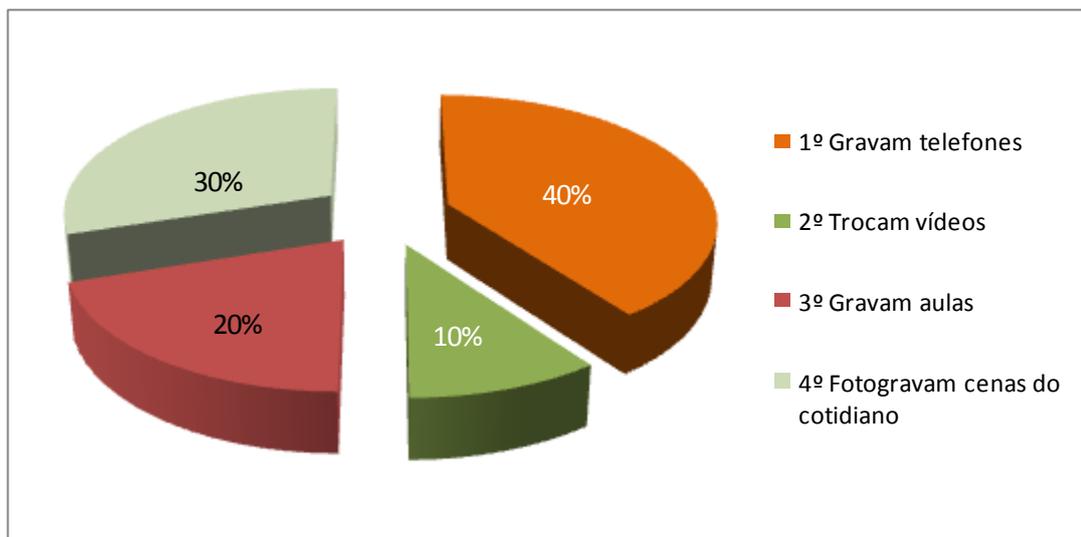


FIGURA 5: Utilização do celular como facilitador da aprendizagem.  
Fonte: Pesquisa de campo.

O celular, portanto, é uma ferramenta que se integra aos demais meios que convergem para o ensino aprendizagem na medida em que contribuem no processo de assimilação e formação crítica a partir das imagens que se formam nas nossas mentes. A esse respeito, Nova (1999, p.32) reforça que,

É o mundo das imagens que penetra no universo mental das pessoas, até mesmo em seus tempos/espacos mais ocultos. Nem mesmo o ambiente dos sonhos escapa à influência das imagens e dos sons eletrônicos que nos rodeiam e nos perseguem. São os

dispositivos audiovisuais remodelando o consciente e o inconsciente dos indivíduos. As imagens mentais passam a ser constituídas não apenas em função dos sentimentos e daquilo que se vê, ao vivo, mas pelo que se assiste nas telas vivas da vida.

De acordo com a figura 6, quanto ao tempo dedicado à aprendizagem por meio do aparelho, a pesquisa sinalizou que apenas 18% utilizam mais de 45 minutos por dia, mesmo assim, o fato de 59% utilizar pelo menos 30 minutos ao dia em prol da educação representa um avanço, considerando o perfil dos entrevistados que, em geral, situam-se na periferia do acesso às tecnologias, ainda que seja para ampliar seus conhecimentos.

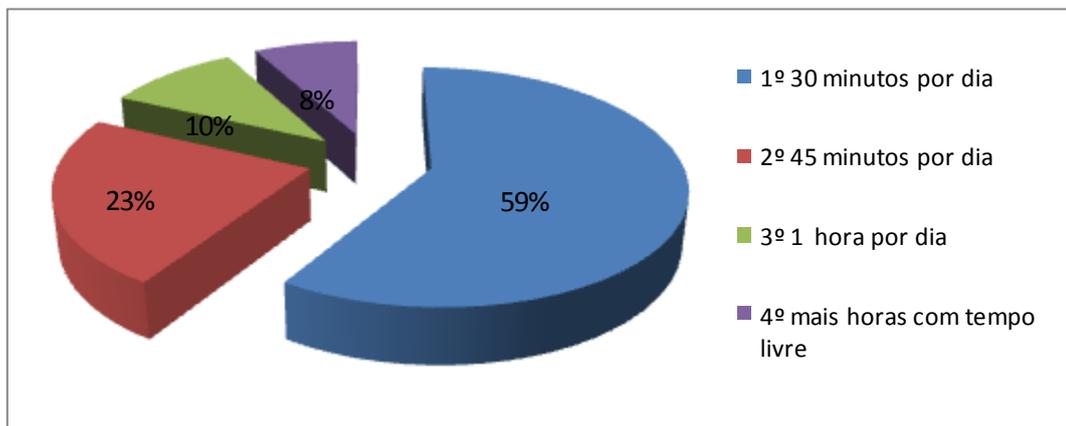


FIGURA 6: Tempo dedicado a aprendizagem com o aparelho.  
Fonte: Pesquisa de campo.

O tempo dos jovens e adultos é reduzido para pagar um curso de computação, aliado a isso o baixo poder aquisitivo. Entretanto, o celular tem sido um dispositivo de fácil acessibilidade (FIGURA 7). O que se percebeu na pesquisa é que os entrevistados utilizam o celular para aprender e descobrir novas formas de utilizar as ferramentas desse dispositivo e comunicar-se. Outra funcionalidade utilizada e que vale destacar é a calculadora disponível no aparelho que não só é usada em aula, como também, na resolução de situações cotidianas, como exemplo, a realização de cálculos, por aqueles que desenvolvem atividade de pedreiro, relativo ao metro

quadrado de lajotas para uma determinada área. Para aqueles que estão no processo de alfabetização, pode ser um substancial aliado da aprendizagem.



FIGURA 7: aluno da EJA mostrando imagens obtidas com seu celular.  
Fonte: Pesquisa de campo.

O trabalho desenvolvido com o telefone celular se deu com a busca de imagens para o tema meio ambiente que estava sendo trabalhado. Foi solicitado aos alunos que apresentassem imagens produzidas com telefones celulares. Houve delimitação de um tempo de três dias para que eles produzissem suas imagens. Depois revelassem em foto tamanho 10x15cm. Os alunos se organizaram por grupos de quem possuía telefone com quem não possuía e fizeram as mais diversas imagens.

O material produzido foi exposto na sala de aula e observou-se que mesmo com um simples aparelho é possível fazer boas fotos. Uma observação relevante desse trabalho foi que todos queriam ter produzido, mas nem todos puderam fazer suas imagens, então passaram a ser observadores das imagens produzidas pelos outros colegas, mas foi interessante perceber que os que não fotografaram desejariam ser autores de suas próprias imagens.

Todas as imagens produzidas pelos alunos foram de grande importância para compreensão de que a natureza é composta de micro sistema e organismos (FIGURA 8) e deve ser preservada.

Observou-se nos alunos interesse e participação nos trabalhos realizados e devido serem alunos trabalhadores, alguns chegavam um pouco mais tarde, mas não deixaram de revelar suas imagens em um laboratório próximo a escola.



FIGURA 8: Imagem produzida com telefone celular.  
Fonte: Foto produzida por Osvaldina, 2012.

Nesse sentido observa-se que há interesse por esse tipo de abordagem como mecanismo de aprendizagem e que na exposição simples que foi realizada houve presença de pais de alunos.

Como é possível imaginar que jovens e adultos tenham interesse em aprender sobre aspectos simples da tecnologia, que para muitos já é superada e para essa nossa clientela ainda é motivo de satisfação e interesse em aprender. Mantidos os devidos cuidados no seu uso o telefone celular ainda pode ser um instrumento de inclusão digital como facilitador da alfabetização e letramento.

A água foi um tema trabalhado em junho e ficou muito presente nas imagens apresentadas (FIGURA 9), assim como natureza, moradia e flores. A imagem aqui apresentada se deu em uma caminhada nas primeiras horas da manhã indo para o

trabalho, pois o aluno usa esse percurso da frente da cidade todos os dias e aproveitou para fazer sua foto.



FIGURA 9: Fotografia produzida com telefone celular - Rio Amazonas.  
Fonte: Foto produzida por Adielson, 2012.

Nesses trabalhos a natureza pode ser vista de forma macro e micro, pois algumas abordagens foram realizadas como paisagens, outras de forma bem próximas, isso fez com que os olhares fossem vendo na fotografia do outro uma beleza que ainda não tinha sido observada pelo mesmo ponto de vista.

Esses últimos anos na orla do Araxá vem passando por um problema natural chamado erosão. Observa-se na turma em que os entrevistados estudam a preocupação de uns com os outros quando algum problema ocorre.

Esses dois bimestres: março/abril e maio/ junho de trabalho foram marcados por acontecimentos tristes com alguns alunos. Dois alunos ficaram sem suas casas porque a maré alta do rio Amazonas foi desabrigando aos poucos a população da orla do Aturiá, bairro Araxá. Houve preocupação em comunicar a escola através do telefone celular e depois pessoalmente. Nas filmagens e fotografias ficou evidente a preocupação com moradia (FIGURA 10).



FIGURA 10: Fotografia do quintal da casa do Jairo no bairro Araxá.  
Fonte:Foto produzida por Silvio e Jairo, 2012.

Segundo Arroyo (2007,p.5),

É preciso muito conhecimento para sobreviver nessa vulnerabilidade, tanto mais do que para sobreviver na segurança do trabalho. Não obstante, ainda, não inventamos currículos e conhecimentos e capacidades, saberes para essa vulnerabilidade, para esse trabalho informal. Não seria essa uma tarefa nossa?

Na prática pedagógica que previa a produção de texto, com o tema direito das crianças, observei que uns ajudavam os outros nas ideias, enquanto outros escreviam. Os trabalhos foram filmados por um telefone celular, assim como, a apresentação. Foi interessante porque foi possível registrar a timidez em alguns, facilidade de expressão oral em outros e isso pode ser trabalhado posteriormente, eles se vendo e identificando as habilidades de cada educando.

Como se pode observar, o aparelho celular também é uma importante mídia a favor da educação. Trata-se de um instrumento facilitador no processo de ensino-aprendizagem que permite ao educando trazer o seu cotidiano para dentro da escola, dessa forma, possibilita uma aproximação entre os conteúdos a serem trabalhados e o contexto no qual os educandos vivem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje, vivemos o que alguns estudiosos chamam de uma Nova Ordem Tecnológica, que começou a se formar no último decênio do século XX, com o surgimento da Internet. As modificações não são apenas tecnológicas, revelam-se, também, as novas configurações da vida social, econômica, política e cultural. Desta forma, podemos perceber que nossa forma de se comunicar, aprender e ensinar no mundo contemporâneo se tornou mais dinâmico e esse é um novo desafio com os quais os educadores se deparam.

A EJA é uma variante da educação que exige comprometimento de todos os envolvidos no processo educativo: educadores, equipe técnica, educandos, pais e comunidade, vislumbrando dotar os educandos de autonomia necessária à educação transformadora.

Nesse contexto, é importante incorporar a convergência das mídias na educação. Entretanto, em larga medida, os educadores ainda não identificaram a amplitude do potencial dessa incorporação, que tende a influenciar na integração, nas mudanças de atitudes, costumes e ações das pessoas na escola, principalmente em se tratando da EJA.

Os estudos realizados mostraram que a convergência das mídias influencia no modo de ser, estar, agir e se comunicar no mundo, e a escola não pode mais deixar educandos a margem desse processo, sob pena de aumentar mais o fosso que os jovens e adultos vem enfrentando ao longo da história de exclusão. A pesquisa evidenciou que há interesse dos educandos da EJA em se manterem informados e atualizados. Embora o caminho a percorrer para alcance das tecnologias seja longo, não se deve esperar a construção do melhor espaço para fazer uso da tecnologia da escola.

O trabalho destacou que as mídias podem contribuir no modo de ensinar e aprender. A escola nem sempre dispõe de múltiplas tecnologias, por isso a criatividade e busca de alternativas é uma constante.

Sabe-se o quanto as convergências tecnológicas são responsáveis por gerarem ambientes de informações nos quais tudo se integra e de onde tudo se pode acessar. As tecnologias móveis representam uma substancial evolução nessa

direção. Foi utilizado o aparelho celular como instrumento na pesquisa, pela facilidade de seu uso na EJA, tanto por educadores, quanto por educandos. O celular é um aparelho que mais rápido evoluiu em seu modo de operar, no aspecto mobilidade, carrega várias funções e deixa os educandos informados, através do rádio, internet, e TV.

Usam-se também vídeos da TV escola, de curta metragem, desenho para desenvolver os temas por ser de curta duração. Todas essas linguagens possibilitaram vontade de desenvolver seus textos, imagens, enfim, são maneiras de registrar o olhar dos educandos sobre o mundo. A pesquisa permitiu observar comportamentos sociais de jovens e adultos sobre o aspecto tecnológico, mostrando que a escola não pode ficar fora desse processo, pois é um ambiente rico em aprendizagens.

A educação, de um modo geral, inseri-se nessa inovação e os processos de ensino e aprendizagem do Brasil e do mundo já incorporaram a tecnologia, mas em diversas escolas ainda se percebe ausência de espaço físico para tal. Essa é uma realidade que precisa ser levada aos órgãos responsáveis pela educação em todas as esferas de governo, a fim de que se possa prover Educação pública de qualidade.

A escola que serviu de ambiente para a pesquisa desta monografia possui computadores que estão com defeitos há muito tempo, isso é prejuízo, uma vez que esses computadores poderiam beneficiar os educandos que tem dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita. A escola como um importante espaço com potencial para aglutinar, desenvolver e potencializar saberes, precisa estar em sintonia com o desenvolvimento tecnológico. Para tanto, carece de espaços físicos adequados para tal finalidade.

Esta monografia servirá de apoio a todos os segmentos da escola para que possam refletir sobre a sua prática, na medida em que são co-responsáveis das ações pedagógicas no cotidiano escolar, tendo em vista a possibilidade de criação de alternativas que visem à superação dos problemas mais presentes no contexto educacional. Oportunizará ainda, aos profissionais da educação, pensarem sobre o uso das tecnologias numa perspectiva de transformação de uma educação que prima pela qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Anderson Fernandes. Artigo, **O pensamento de Paulo Freire sobre a tecnologia: traçando novas perspectivas**. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

ALMEIDA, Fernando José **Notas de aula** da disciplina do curso de pós-graduação em Educação: Currículo da PUC SP. São Paulo: 2003.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem colaborativa: o professor e o aluno ressignificados. In: ALMEIDA, Fernando (organizador). **Educação a distância: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem**. MCT/PUC SP São Paulo. 2001.

ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini. Tecnologias e Gestão do Conhecimento na Escola. In: VIEIRA, Alexandre Thomaz; ALONSO, Myrtes (Orgs). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003. p.113-130.

ARROYO, Miguel. **Balço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens e adultos**. UFMG 2007. Disponível em: <[http://www.reveja.com.br/revista/0/artigos/REVEJ@\\_0\\_](http://www.reveja.com.br/revista/0/artigos/REVEJ@_0_)>. Acesso em: 31/10/08.

BASSO, Maria Aparecida José. **Pedagogia Digital na convergência do Suporte e: uma proposta de modelo para negócios sob demanda em educação**, *Tese de doutorado. UFSC*. 2003.

BORGES. Luís Paulo Cruz. **Reflexões Necessárias sobre a Educação de jovens e Adultos: Perspectivas, Desafios e Possibilidades**. UERJ. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://www.aepppc.org.br/revista>>. Acesso em 28/06/2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação**. São Paulo: Edições Loyola. 1984.

BRASIL. Palácio do Planalto. Lei Nº 4024/61. Disponível em: <[http://legislacao.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://legislacao.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm)>. Acesso em: 10/10/2012.

BRASIL. Palácio do Planalto. Lei Nº 5692/71. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm)>. Acesso em: 10/10/2012.

BRASIL. Palácio do Planalto. Lei Nº 9394/96. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm). Acesso em: 10/ 10/2012.

BRASIL. Ministério da Educação. MEC. Mídias na Educação. Módulo: **Convergência/das/Mídias**. Disponível em: <<http://www.euproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83527/index.html>>. Acesso em: 04/11/2011.

BRASIL. Palácio do Planalto. Lei Nº8069 de 13 de julho de 1990 que institui o **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 01/ 06/2012.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A ERA DA INFORMAÇÃO: ECONOMIA, SOCIEDADE E CULTURA V.1. São Paulo. Editora Paz e Terra. 2003.

D' AMBRÓSIO, Ubiratan. Educar para uma civilização planetária. Salto para o Futuro. **Boletim Série Tecnologia e Currículo**. TV-Escola. Brasília. MEC, 2000.

Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos. V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, V CONFINTEA. Julho 1997.

DEMO, Pedro. Alfabetizações: desafios da nova mídia. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 543-564, out./dez. 2007.

FREIRE, Paulo. SCHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**; Lisboa; Temas e Debates; 2005.

LEITE, Julieta. **A ubiquidade da informação digital no espaço urbano**. In: LOGOS 29 - Tecnologias e Socialidades. Ano 15. no. 29. UERJ. Rio de Janeiro.2008.Disponível/em:<[http://www.logos.uerj.br/PDFS/29/10JULIETA\\_LEITE.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/29/10JULIETA_LEITE.pdf)> Acesso em 25 jan 2009.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

LINHARES. Célia. TRINDADE. Maria de Nazaret (orgs.). **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

LICHTY, P. Pensando a Cultura Nomádica: Artes Móveis e Sociedade. In: **Artemov**, Edição/04. Disponível em: <[http://www.artemov.net/page/revista04\\_p3.php](http://www.artemov.net/page/revista04_p3.php)> , 2006. Acesso em 07 jan 2009.

LOPES, Selva Paraguassu, SOUSA, Luzia Silva. Artigo: **EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia?** São Paulo. 2004.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 3ª ed. Campinas, Papirus, 2008.

NEVES, José Luís. Pesquisa **Qualitativa: Características, usos e possibilidades**. São Paulo, V.1, nº 3, 2º Sem./ 1996.

NOVA, C. Novas Lentes para a história: uma viagem pela construção da história e pelos discursos áudio-imagéticos. **Dissertação de Mestrado**. UFBA. Bahia. 1999.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento**. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, PUC, 2003.

PERRENOUD, Philippe et alli. **Formando professores profissionais. Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar** . Porto Alegre. Ed. Artmed. 2000.

RAMAL, Andréa. **Educação na Cibercultura**. Porto Alegre. Ed. Artmed. 2003.

ROCHA. Halline Fialho. et al. Educação de Jovens e Adultos. 2002. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/resouce/view.php?id=73120>>. Acesso em 21/06/2012.

RUIZ, Osvaldo. **Manuel Castells e a "Era da Informação"**. 2002. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/internet/net16.htm#1>>. Acesso em: 20/08/2005.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, A. I. PÉREZ **Compreender e transformar o ensino**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Maria da Graça Moreira. **Novos Currículos, Novas Aprendizagens**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação e Currículo. PUC SP. São Paulo, 2004.

SILVA, Maria da Graça Moreira da, CONSOLO, Adriane Treinero. **Uso de dispositivos móveis na educação: o SMS como auxiliar na mediação pedagógica de cursos a distância**. São Paulo. 2007

SIQUEIRA, A. Bojokas de. **Educação como Políticas Públicas: experiência inglesa e proposta brasileira**. Bauru, SP. 2006. Art. Disponível em: <<http://www.cebela.org.br/imagens/Material/01ARTO4%20.pdf>>. Acesso em 22/06/2012.